



20
LICÇÕES
SOBRE

Mediunidade

ASTOLFO OLEGÁRIO DE OLIVEIRA FILHO

20 Lições sobre Mediunidade

Astolfo Olegário de Oliveira Filho

3ª edição

Data de publicação: 17/12/2020

PUBLICAÇÃO:

EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245 – CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

	Oliveira Filho, Astolfo Olegário.
O47v	20 lições sobre mediunidade / Astolfo Olegário de Oliveira Filho; revisão do próprio autor, capa de Jordan Oliveira Cazetta. - Londrina, PR : EVOC, 2020. 135 p.
	1. Espiritismo-estudo e ensino. 2. Espiritismo. 3. Mediunidade (Espiritismo). 4. Doutrina espírita. I. Oliveira Filho, Astolfo Olegário. II. Cazetta, Jordan Oliveira III. Título.
	CDD 133.91 19.ed.

Índice

- Dedicatória, 5
- À guisa de prefácio, 6
- Notas biográficas, 9
- Origem desta obra, 12
- 1. Concentração, 15
- 2. Atitude da equipe durante a reunião, 20
- 3. Conceito, mecanismo e tipos de prece, 25
- 4. As radiações e suas bases, 32
- 5. O passe magnético e suas formas, 37
- 6. Postura física e mental durante o passe, 43
- 7. Percepção e identificação de fluidos, 52
- 8. Formas de absorção e rejeição de fluidos, 56
- 9. As fases do fenômeno mediúnico, 59
- 10. A incorporação mediúnica, 63
- 11. Desenvolvimento da reunião mediúnica, 67
- 12. Comportamento dos médiuns na reunião, 72
- 13. Identificação dos Espíritos comunicantes, 76
- 14. A questão da mistificação e suas causas, 83
- 15. A obsessão e suas modalidades, 88
- 16. O tratamento espírita da obsessão, 93
- 17. A doutrinação e seus métodos, 99
- 18. Abordagem a adotar na doutrinação, 113
- 19. A mediunidade e sua aplicação, 121

20. Cuidados antes e depois das reuniões, 126
Bibliografia, 132

Dedicatória

Dedicamos esta obra aos amigos e amigas abaixo:

Célia Maria Cazeta de Oliveira, companheira querida de todas as horas e que nos acompanha há quase 54 anos;

João Sales Coroa, ex-presidente da União Espírita de Londrina (hoje Nosso Lar), e professor José Jorge, saudosos amigos que nos mostraram como devem ser estudadas as obras de Allan Kardec;

Mitiko Sakai e Antônio Bordini, que, além de grandes amigos, foram os médiuns mais importantes com quem trabalhamos na prática mediúnica por várias décadas, a partir de março de 1979.

À guisa de prefácio

O célebre cientista Pierre-Simon Laplace (1749-1827) apresentou-se pessoalmente ao imperador Napoleão Bonaparte expondo suas brilhantes anotações sobre os fenômenos planetários. Napoleão pôde ver, além das posições filosóficas do ilustre sábio, o valor moral de que ele era possuidor.

Observando o volumoso tratado escrito por Laplace – “Mecânica Celeste” - o imperador Napoleão lhe questionou: “Escrevestes esse enorme livro sobre o sistema do mundo sem mencionar uma só vez o autor do Universo”. E ouviu a resposta de Laplace: “Senhor, não senti necessidade dessa hipótese”.

Deus foi ignorado por Laplace.

E o Espírito, onde ele se encontra?

Galileu Galilei inaugurou o método científico estudando o movimento dos corpos. Os médicos nas universidades passaram, depois, a quantificar os fenômenos biológicos. Tudo era pesado e medido para estudar nosso metabolismo – mas o Espírito escapava do bisturi e das balanças.

André Vesalius revolucionou a anatomia da “máquina corporis humana” dando vida ao movimento dos músculos nas magníficas ilustrações do seu tratado de anatomia. Ao sugerir que os nossos membros eram movimentados pela ação dos músculos, sem incluir a ação do Espírito, a Igreja da época forçou sua expulsão da Universidade de Paris.

Franz Gall, em Viena, propôs existirem áreas cerebrais relacionadas com nossas atividades psíquicas –

criou a frenologia –, mas foi obrigado a refugiar-se em Paris com a acusação de estar subdividindo o Espírito.

René Descartes sugeriu que se separassem as “coisas” físicas das psíquicas ou mentais, facilitando a expansão dos estudos materialistas sem o risco das condenações religiosas aplicadas pela Igreja da época.

Foi assim que veio caminhando a Ciência humana até os nossos dias, focada apenas na aparência superficial do movimento dos corpos, das reações químicas, das leis da Física, dos fenômenos biológicos, da natureza da luz e da intimidade dos átomos.

Mas a vida prossegue e ocorrem extraordinárias revoluções nos paradigmas científicos. As Ciências da mente avançaram profundamente na intimidade do nosso inconsciente.

A evolução do nosso conhecimento sobre a Natureza trouxe-nos embaraços que estão à busca de novas interpretações. Hoje sabemos que, por princípio, todos os fenômenos que percebemos ocorrem em nossa mente – a cor, o movimento, a rigidez da matéria e a passagem do tempo exemplificam bem essa afirmação.

O desafio agora foi lançado:

Precisamos responder: o que vem a ser a mente?

André Luiz a propõe como sinônimo de Espírito.

O Espírito é o ser inteligente do Universo, é imortal e todos que passaram pela transição da morte permanecem vivos, nos acompanham, interferem em nossos pensamentos e participam ativamente em nossas decisões. Mas onde eles estão, onde ficam, como se manifestam?

Em todas as épocas da história humana e de nossas culturas há registros das manifestações dos Espíritos comunicando-se com os encarnados.

É com este preâmbulo que quero destacar o excelente trabalho que o amigo Astolfo O. de Oliveira Filho fez sobre a mediunidade, baseado nas obras doutrinárias de Allan Kardec

O Livro dos Médiuns foi publicado em 1861 – uma descrição minuciosa de toda a fenomenologia mediúnica estudando as características do médium e do tipo de manifestação com que o Espírito comunicante se manifesta.

A mim causa muita estranheza que um estudo como esse, feito por Allan Kardec, sob criterioso rigor científico, ainda esteja ausente da grade curricular das nossas Universidades.

O presente trabalho ajudará muito os estudiosos que desejarem apropriar-se de tão importante matéria – a mediunidade. Deixo ao leitor o sabor de apreciá-lo.

Nubor Orlando Facure

Notas biográficas

Astolfo Olegário de Oliveira Filho, filho de Astolfo Olegário de Oliveira e Anita Borela de Oliveira, nasceu em 22 de junho de 1944.

Natural da cidade de Astolfo Dutra (ex-Porto de Santo Antônio), Minas Gerais, reside desde janeiro de 1963 em Londrina (PR).

Casado com Célia Maria Cazeta de Oliveira, é pai de quatro filhos e tem sete netos.

Bacharel em Ciências Econômicas, ex-professor de Matemática, ex-funcionário do Banco do Brasil e do Instituto do Açúcar e do Alcool, ex-Delegado da Receita Federal em Curitiba, é funcionário aposentado da Secretaria da Receita Federal.

Nascido em lar espírita, frequentou em criança as aulas de evangelização infantil na Cabana Espírita Abel Gomes, em sua cidade natal, onde depois foi presidente da Juventude Espírita Francisco Cândido Xavier.

Em Londrina, presidiu a Mocidade Espírita da União Espírita de Londrina, mais tarde Centro Espírita Nosso Lar, sendo posteriormente, em duas gestões seguidas, presidente da Diretoria Executiva e, por inúmeras vezes, presidente do Conselho Deliberativo do mesmo Centro.

Presidiu em 1998 a União Regional Espírita da 5ª Região e foi um dos integrantes da primeira diretoria da União das Sociedades Espíritas de Londrina (USEL), de que foi cofundador.

Participou, como cofundador, da criação da Aliança Municipal Espírita de Astolfo Dutra (MG), das Jornadas Espíritas de Balneário Camboriú (SC), das Semanas Espíritas de Londrina e da fundação de diversas instituições

em Londrina, a saber: a Comunhão Espírita Cristã de Londrina; a União das Sociedades Espíritas de Londrina (USEL); a Sociedade Brasileira para a Expansão do Espiritismo (SBEE); o Grupo Espírita “Os Mensageiros”, que se dedica desde 1979 à prática mediúnica da desobsessão; o Grupo de Fluidoterapia Dr. Bezerra de Menezes; o Grupo de Estudos Espíritas Paulo de Tarso, que realizou por vários anos atividade semanal na Penitenciária Estadual de Londrina; o Grupo Espírita Cairbar Schutel; o Grupo Espírita Anita Borela de Oliveira; o Grupo Espírita Nosso Lar; o Grupo de Estudos Espíritas Abel Gomes (GEEAG); o Grupo Espírita Carlos Imbassahy; o Grupo Espírita Herculano Pires; o Círculo de Leitura Anita Borela de Oliveira; a Editora Leopoldo Machado; o Grupo Esperança, que se reúne semanalmente no Hospital do Câncer de Londrina; a revista eletrônica “O Consolador”; a EVOC – Editora Virtual O Consolador; e, em novembro de 2017, o Sarau Evangélico Marcelo Cazeta de Oliveira.

No campo da divulgação doutrinária, foi redator, de 1967 a 1969, do mensário espírita “Nosso Lar”, órgão noticioso e doutrinário então publicado pelo Centro Espírita Nosso Lar, e redigiu na mesma época os programas radiofônicos Momento Espírita e Arauto Espírita, apresentados nas rádios Tabajara e Difusora, ambas de Londrina (PR).

Participou da equipe que produziu o programa Reflexão Espírita, transmitido semanalmente por uma emissora de TV por assinatura, no qual apresentava o quadro “Perguntas e Respostas”.

Manteve por 13 anos, de 1980 a 1992, no jornal *Folha de Londrina*, a coluna Espiritismo, publicada aos domingos.

Foi autor, em parceria com Rubens Denizard Figueira dos Santos, do programa de estudo das Obras de Kardec conhecido pela sigla COED.

Atualmente é diretor de redação da revista eletrônica "O Consolador", da EVOC – Editora Virtual O Consolador e do jornal "O Imortal", de Cambé-PR; editor do blog Espiritismo Século XXI - <http://espiritismo-seculoxxi.blogspot.com.br/>; integrante como esclarecedor do Grupo Espírita "Os Mensageiros", que se dedica à prática mediúnica da desobsessão; coordenador do Grupo de Estudos Espíritas Abel Gomes (GEEAG) e do Sarau Evangélico Marcelo Cazeta de Oliveira, e, por fim, trabalhador voluntário do Grupo Espírita Cairbar Schutel, vinculado à Comunhão Espírita Cristã de Londrina.

Origem desta obra

Esta obra é a transposição para livro de um curso que ministramos em 1993, a pedido do Centro Espírita Meimei, de Londrina, pertinente à parte prática da mediunidade.

O curso foi desenvolvido no Centro Espírita Meimei no período de 2 de junho a 27 de outubro daquele ano.

Mais tarde, incorporando no seu texto novas informações e referências bibliográficas, nós o repetimos no Centro de Estudos Espirituais Vinha de Luz, da mesma cidade, de 11 de agosto a 13 de outubro de 1999, tornando a ministrá-lo no período de 8 de junho a 31 de agosto de 2000 no Centro Espírita Nosso Lar e, por último, de 26 de outubro de 2002 a 8 de fevereiro de 2003, no Centro Espírita Amor e Caridade, situado, como os demais, na cidade de Londrina.

Em todos os quatro casos o que nos moveu foi apresentar de forma didática temas que pudessem contribuir para o aprimoramento das chamadas sessões práticas de Espiritismo.

Na versão inicial, que foi logo em seguida adotada pelo Centro Espírita Nosso Lar como parte integrante dos cursos de orientação e educação da mediunidade que ali se realizam há tanto tempo, adotamos como fontes bibliográficas os livros *Desobsessão*, de André Luiz, *Obsessão/Desobsessão*, de Suely Caldas Schubert, e as apostilas do Centro de Orientação e Educação Mediúnica (COEM), obra editada pelo Centro Espírita Luz Eterna, de Curitiba.

Com o passar dos anos, procedemos a um melhor desenvolvimento do texto, que não tem, todavia, outra pretensão senão colaborar, de forma singela, para que a

prática da mediunidade seja mais bem compreendida e realizada com maior proveito em nosso meio.

Tratando-se de um estudo relacionado com o exercício da mediunidade, a obra foi dividida em 20 lições, de que dá conta o título. Cada lição corresponde a um capítulo. São portanto, ao todo, 20 capítulos, que obedecem a uma ordem lógica, consentânea com o que acontece numa sessão mediúnica normal.

O primeiro capítulo fala de concentração e da preparação para que ela se dê em boas condições.

O segundo trata da chamada manutenção vibratória e da atitude da equipe durante a realização do trabalho.

O terceiro focaliza a prece, o quarto examina o tema radiações, e os demais, sempre procurando esmiuçar assuntos relacionados com a prática mediúnica, analisam o passe, a identificação de fluidos, as fases do fenômeno mediúnico, a questão da identidade dos Espíritos, o problema da mistificação, a obsessão, a doutrinação e assim por diante.

Publicada inicialmente em novembro de 2003 pela Editora Leopoldo Machado, esta obra esgotou-se em pouco tempo e não mais foi publicada no formato impresso.

No dia 18 de abril de 2013, inaugurando as atividades da EVOC – Editora Virtual O Consolador na área do livro digital, conhecido também pela expressão livro virtual, livro eletrônico ou e-book, lançamos a 2ª edição deste livro, mas dessa vez exclusivamente no formato digital.

Esta é a 3ª edição da obra, que não terá, como a segunda edição, formato impresso.

Excetuados alguns ajustes no tocante à ortografia e a inserção do prefácio escrito pelo professor Nubor Orlando Facure, não há diferenças entre esta e a anterior

versão deste livro, que esperamos possa ser útil aos que militam no importante campo da atividade mediúnica.

Astolfo O. de Oliveira Filho

Concentração

SUMÁRIO: Conceito de concentração. Diferença entre atenção e concentração. Importância da meditação e da prece. Recolhimento. Uso da oração no curso da reunião. Comunhão de pensamentos. Preparação do ambiente íntimo. Relaxação. Abstração.

Concentração – Ao contrário da atenção, que é um ato passivo, de recepção de impressões ambientes, a concentração é um ato mental intensamente ativo, mediante o qual dirigimos nossa mente sobre certo ponto de interesse. Pressupõe, portanto, convergência de pensamentos para um determinado fim.

Na atenção as portas da mente se abrem para o mundo exterior; na concentração faz-se exatamente o contrário, ou seja, fecham-se essas portas, cortam-se as ligações dos sentidos com o ambiente externo, passando-se então a atuar inteiramente na intimidade da zona psíquica. Na concentração exercitamos a nossa vontade, fazendo recolhimento da mente para o nosso interior, isolando-nos das coisas exteriores que nos rodeiam, para iniciarmos a ligação com o mundo íntimo, psíquico, espiritual.

Diz Roque Jacintho que no vocabulário espírita "concentrar é reunir vibrações saudáveis, equilibradas, que serão aplicadas pelos Mentores Espirituais a benefício de nossos irmãos necessitados, encarnados e desencarnados". ⁽¹⁾ Ocorre que concentrar não é apenas cerrar os

¹ "Desenvolvimento Mediúnico", cap. 25, pág. 132.

olhos, deixando que os pensamentos tomem os canais habituais a que estão condicionados. Roque propõe, então, que o orientador do desenvolvimento peça aos integrantes da equipe, de forma objetiva, "que façam uma oração silenciosa, situando seus pensamentos em torno de ideias edificantes, procurando dialogar com Jesus intimamente". (2)

A abstração ou o esquecimento dos problemas comuns que perturbam nossa vida íntima deve ser exercitada. A reunião depende muito do ambiente formado por todos os componentes do grupo. Por meio do exercício dos bons pensamentos e da elevação dos sentimentos, o ambiente se satura de elementos espirituais que favorecem o intercâmbio, porquanto, conforme nos ensina André Luiz, "a prece, a meditação elevada, o pensamento edificante refundem a atmosfera, purificando-a". "O pensamento elevado santifica a atmosfera em torno e possui propriedades elétricas que o homem comum está longe de imaginar." (3)

Preparação do ambiente íntimo – Na preparação para a reunião é preciso lembrar que "a mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos". "Da superestrutura dos astros à infraestrutura subatômica, tudo está mergulhado na substância viva da Mente de Deus, como os peixes e as plantas da água estão contidos no oceano imenso." (4)

A preparação para a reunião é, pois, indispensável. Sem o preparo devido, que deve começar desde a manhã, evitando-se emoções violentas, atritos, desequilíbrios físicos e espirituais, sem o bom hábito de leituras

² "Desenvolvimento Mediúnico", cap. 25, pág. 133.

³ "Missionários da Luz", cap. 5.

⁴ "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 1.

sadias e o exercício dos bons sentimentos, dificilmente a pessoa, durante a sessão, terá tranquilidade suficiente para se dedicar tão somente aos fins elevados da sessão.

Recomenda André Luiz: "Preparar a própria alma em prece e meditação, antes da atividade mediúnica, evitando, porém, concentrar-se mentalmente para semelhante mister durante as explanações doutrinárias...". "A oração é luz na alma refletindo a Luz Divina." ⁽⁵⁾

Informa Allan Kardec que "toda pessoa que entra em uma reunião leva consigo Espíritos que lhe são simpáticos. Segundo seu número e sua natureza, estes acólitos podem exercer sobre a assembleia e sobre as comunicações uma influência boa ou má. Uma reunião perfeita seria aquela cujos membros, todos animados de um igual amor ao bem, trouxessem consigo apenas bons Espíritos". ⁽⁶⁾

Em outro trecho da mesma obra, o Codificador ensina: "O recolhimento e a comunhão de pensamentos sendo as condições essenciais de toda reunião séria, compreende-se que um número muito grande de assistentes deve ser uma das causas mais contrárias à homogeneidade". ⁽⁷⁾

Relaxação e abstração – A relaxação, essencial a uma boa concentração, deve ser completa: muscular e psíquica. Para tanto, é preciso evitar todas as causas, pelo menos no dia da reunião, que levem o indivíduo a uma tensão.

⁵ "Conduta Espírita", cap. 4.

⁶ "O Livro dos Médiuns", cap. XXIX, item 330.

⁷ Ibidem, cap. XXIX, item 332.

Preparado convenientemente durante o dia, o componente da equipe deve procurar alimentar-se frugalmente, prevenindo problemas de sobrecarga física, e vestir-se com sobriedade, evitando roupas e calçados apertados. Durante a reunião, deve manter-se relaxado, respirar calmamente, tomar na cadeira uma posição cômoda, solta, cuidando para não contrair os músculos, a fim de facilitar o bem-estar físico.

Abstração quer dizer: desligamento dos problemas que não digam respeito às finalidades da reunião, como os problemas particulares, domésticos e outros alheios à sessão.

A relaxação proporciona bem-estar físico; a abstração evita tensões psíquicas. Ambas, reunidas, dão condições para que o indivíduo possa focalizar seu pensamento em objetivos elevados, no bem, no amor, na caridade, nas virtudes que exornam o caráter do verdadeiro espírita.

O resultado da reunião dependerá, pois, da concentração e da elevação com que é feita. Emmanuel assevera que "o pensamento é força eletromagnética" e acrescenta: "A prece impulsiona as recônditas energias do coração, libertando-as com as imagens de nosso desejo, por intermédio da força viva e plasticizante do pensamento, imagens essas que, ascendendo às Esferas Superiores, tocam as inteligências visíveis ou invisíveis que nos rodeiam, pelas quais comumente recebemos as respostas do Plano Divino".⁽⁸⁾

No mesmo sentido é o ensinamento do instrutor espiritual Albério: "Nossa mente é (...) um núcleo de forças inteligentes, gerando plasma sutil que, a exteriorizar-se

⁸ "Pensamento e Vida", cap. 2 e 26.

incessantemente de nós, oferece recursos de objetividade às figuras de nossa imaginação, sob o comando de nossos próprios desígnios".⁽⁹⁾

É em vista disso que Kardec ensina: "Nem sempre basta que uma reunião seja séria para ter comunicações de uma ordem elevada; há pessoas que não riem jamais e cujos corações nem por isso são mais puros; ora, é o coração sobretudo que atrai os bons Espíritos"⁽¹⁰⁾, ensinamento que seria mais tarde confirmado por André Luiz: "Em matéria de mediunidade, não nos esqueçamos do pensamento. Nossa alma vive onde se lhe situe o coração. Caminharemos ao influxo de nossas próprias criações, seja onde for".⁽¹¹⁾

⁹ "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 1.

¹⁰ "O Livro dos Médiuns", cap. XXI, item 233.

¹¹ "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 13.

Atitude da equipe durante a reunião

SUMÁRIO: Atitude dos integrantes da reunião. Manutenção vibratória. Preparação dos integrantes para o trabalho. Alimentação no dia da reunião. Repouso físico e mental nos momentos que antecedem a sessão. Estudos preparatórios. Culto do Evangelho no lar. Assistência aos necessitados.

Atitude dos integrantes da reunião – Conseguida a concentração, é preciso manter o ambiente saturado de elementos fluídicos favorecedores do intercâmbio com o plano espiritual. Cada componente da equipe manter-se-á atento às ocorrências da reunião, evitando dispersar o pensamento para objetivos que não os dela.

Pela vontade, a equipe exercitar-se-á na doação vibratória em favor de outros componentes do grupo e das entidades espirituais que estejam no recinto e precisem de vibrações de carinho, afeto e compreensão. Envolverá mentalmente a todos em pensamentos agradáveis, desejando-lhes o melhor que se possa dar, como se nossa mente estivesse emitindo forças e palavras de conforto e esclarecimento.

Emmanuel afirma que "em qualquer situação, somos livres para escolher os nossos pensamentos" e ensina: "Cada inteligência emite as ideias que lhe são peculiares, a se definirem por ondas de energia viva e plasticizante, mas, se arroja de si essas forças, igualmente as recebe, pelo que influencia e é influenciada". ⁽¹²⁾ Assim, esclarece

¹² "Encontro Marcado", cap. 41.

o referido instrutor espiritual, na mesma obra, que toda criatura, quando se exterioriza, seja imaginando coisas, falando ou agindo, em movimentação positiva, "é um emissor atuante na vida". E quando se interioriza, meditando, observando ou obedecendo, de modo passivo, "é um receptor em funcionamento".

Na mesma lição, Emmanuel diz que nossa mente possui muita coisa em comum com o aparelho de rádio. O sintonizador é a nossa vontade. Nossas ligações com o bem ou com o mal partem de nós mesmos. Podemos aceitar ou não – depende de nós – as emissões construtivas ou deprimentes que nos são lançadas na forma de sugestões. De igual modo, podemos emitir boas ou más vibrações. A qualidade delas depende também de nós.

André Luiz lembra a necessidade da cooperação mental no decurso da sessão mediúnica. Diz ele: "Enquanto persista o esclarecimento endereçado ao sofredor desencarnado, é imperioso que os assistentes se mantenham em harmoniosa união de pensamentos, oferecendo base às afirmativas do dirigente ou do assessor que retenha eventualmente a palavra. Não lhes perpassa qualquer ideia de censura ou de crueldade, ironia ou escândalo".
(13)

Na sequência do assunto, André Luiz diz que os membros do grupo "abrigarão na alma a simpatia e a solidariedade, como se estivessem socorrendo um parente dos mais queridos, para que o necessitado encontre apoio real no socorro que lhe seja ministrado". Aos companheiros "desatentos ou entorpecidos" o dirigente encarará a necessidade da cooperação mental, visto que "o conjunto em ação é comparável a um dínamo em cujas en-

¹³ "Desobsessão", cap. 38.

grenagens a corrente mental do amparo fraterno necessita circular equilibradamente na prestação de serviço".
(14)

O cansaço após a concentração mostra esforço contrário ao da boa vibração. A vibração feita com técnica não cansa; traz um profundo bem-estar ao emitente, pela troca fluídica que se estabelece nessas ocasiões.

Preparação da equipe para a reunião – Já vimos que a preparação do ambiente íntimo é indispensável a uma boa concentração e deve começar desde cedo, porque o dia marcado para o intercâmbio com os Espíritos será sempre especial para o componente de uma equipe mediúnica. André Luiz trata desse tema minuciosamente nos capítulos 1, 2, 3, 4, 66, 70, 71 e 72 de seu livro "Desobsessão", os quais adiante resumimos.

Deve-se cultivar atitude mental digna desde o momento do despertar, seja orando ou acolhendo ideias de natureza superior e evitando, deliberadamente, rugas e discussões ao longo do dia.

A alimentação, nas horas que precedem a sessão mediúnica, será leve. A digestão laboriosa consome grande parcela de energia e impede a função mais clara e mais ampla do pensamento, que exige leveza para exprimir-se nas atividades mediúnicas. A bebida alcoólica é completamente imprópria ao componente da equipe, sobretudo no dia da sessão mediúnica. Quanto ao fumo, à carne, ao café e aos temperos excitantes, o ideal seria a abstenção total de seu uso no dia da reunião.

Após o trabalho profissional ou doméstico de cada dia, um momento de repouso físico e mental, nos instantes que precedem a sessão, será muito útil. Repouso do

¹⁴ Ibidem, cap. 38.

corpo e da mente. Ideações edificantes. Aspirações superiores. Abstenção de pensamentos impróprios. Distância de preocupações inferiores. Essa preparação pode incluir leitura moralizadora e salutar, seguida de prece e meditação no próprio lar, antes de o integrante da sessão mediúnica dirigir-se ao Centro Espírita.

O estudo metódico d' *O Livro dos Médiuns* e das obras respeitáveis que tratem da mediunidade fará parte, não necessariamente no dia da sessão, da preparação do tarefeiro da atividade mediúnica.

O estudo da Doutrina Espírita, bem como os estudos em geral, são providências que todos devemos acolher, porque o progresso depende também da construção das asas do conhecimento.

O integrante de uma equipe mediúnica deve, pelo menos uma vez por semana, realizar o culto do Evangelho em sua própria casa. Como já assinalado por tantos autores espirituais, o culto evangélico no lar "equivale a lâmpada acesa para todos os imperativos do apoio e do esclarecimento espiritual" e a ele acorrem, além "dos companheiros desencarnados que estacionam no lar ou nas adjacências dele", os "irmãos já desenfaixados da veste física, principalmente os que remanescem das tarefas de enfermagem espiritual no grupo, que recolhem amparo e ensinamento, consolação e alívio, da conversação espírita e da prece em casa". ⁽¹⁵⁾

Finalmente, a preparação para a atividade mediúnica não poderá ignorar a importância da assistência aos necessitados. Entidades sofredoras ou transviadas acompanham os componentes do grupo examinando-lhes os exemplos.

¹⁵ "Desobsessão", cap. 70.

A assistência aos necessitados – por meio do pão, do agasalho, do auxílio financeiro, do medicamento, do passe ou do ensinamento, em favor dos que atravessam provações mais difíceis que as nossas – "não é somente um dever, mas também valioso curso de experiências e lições educativas para nós e para os outros". ⁽¹⁶⁾

Os irmãos em revolta ou desespero não se transformam simplesmente à força de nossas palavras, mas, sobretudo, "ao toque moral de nossas ações, quando as nossas ações se patenteiam de acordo com os nossos ensinamentos". ⁽¹⁷⁾

¹⁶ Ibidem, cap. 71.

¹⁷ Ibid., cap. 71.

Conceito, mecanismo e tipos de prece

SUMÁRIO: Conceito e requisitos da prece. Atitude daquele que ora. Mecanismo e tipos de prece. A prece de louvor. A prece de pedido. A prece nas reuniões espíritas. Manifestação natural da alma elevada.

Conceito e requisitos da prece – Ensinada por Jesus e pelos Espíritos superiores, a "prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com ele". ⁽¹⁸⁾

A prece é uma manifestação da alma em busca da Presença Divina ou de seus prepostos, é uma conversa com o Criador ou com seus emissários e, por isso, deve ser despida de todo e qualquer formalismo.

A prece não pode ser paga. É um ato de caridade, um lance do coração. A prece deve ser secreta, não precisa ser longa e deve ser antecedida do ato do perdão. ⁽¹⁹⁾ Deve ser espontânea, objetiva, robusta de sentimentos elevados, que precisam ser cultivados sempre, porque não aparecem como por encanto só nos momentos de oração.

A forma da prece nada vale, mas sim o conteúdo. A atitude daquele que ora é íntima, eminentemente espiritual. Atitudes convencionais, posição externa e rituais

¹⁸ "O Livro dos Espíritos", questão nº 659.

¹⁹ "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. XXVII, itens 1 a 4.

são vestes dispensáveis ao ato de orar. Pela força do pensamento, após estarmos concentrados, procuramos traduzir nossa vontade com o melhor dos nossos sentimentos por uma prece, que não deve ser formulada segundo um esquema pré-fabricado. A prece deve traduzir o que realmente estamos sentindo, pensando e querendo naquele momento, de uma forma precisa, sem que isso constitua uma repetição de termos que, na maioria das vezes, são ininteligíveis para quem os profere.

A prece deve ser o primeiro ato no nosso retorno às atividades de cada dia e, por isso, deve ser cultivada diariamente, como ensina Monod em expressiva mensagem incluída por Kardec em "O Evangelho segundo o Espiritismo".⁽²⁰⁾

O exemplo contido nas preces do fariseu e do publicano, narradas no capítulo 18, versículos 9 a 14, do Evangelho segundo Lucas, é expressivo. A humildade e a sinceridade são requisitos imprescindíveis à oração. Outro requisito essencial é o esquecimento e o perdão para com os que nos prejudicaram. Jesus recomenda reconciliar-nos com os adversários antes de nos pormos a orar.

Mecanismo e tipos de prece – O mecanismo da prece é este: estamos engolfados no fluido universal que ocupa o espaço. Esse fluido, que é o veículo do pensamento, recebe a impulsão da vontade. Quando o pensamento é dirigido a um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de um encarnado a um desencarnado, ou vice-versa, estabelece-se uma corrente fluídica que liga um e outro.

²⁰ "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. XXVII, item 22.

O Espírito não apenas pode ler nossos pensamentos, mas, de certa forma, ouvi-los. É assim que a prece é ouvida pelos Espíritos em qualquer lugar em que se encontrem.

Três coisas podemos fazer por meio da prece: louvar, pedir e agradecer. ⁽²¹⁾

Louvar é reconhecer e enaltecer a Deus por tudo o que Ele criou. Significa aceitar com alegria tudo o que nos rodeia, que, no que diz respeito à participação do Senhor, é justo, equilibrado e perfeito. Exemplo de prece de louvor é o Salmo 23 de David:

"O Senhor é o meu Pastor,
Nada me faltará.
Deitar-me faz em verdes pastos,
Guia-me mansamente
A águas mui tranquilas.
Refrigera minh'alma,
Guia-me nas veredas da justiça
Por amor do seu nome.
Ainda que eu andasse
Pelo vale das sombras da morte,
Não temeria mal algum
Porque Tu estás comigo...
A tua vara e o teu cajado me consolam.
Preparas-me o banquete do amor.
Na presença dos meus inimigos,

²¹ "O Livro dos Espíritos, questão nº 659.

Unges de perfume a minha cabeça..."

A prece de pedido é a que a criatura faz solicitando alguma coisa, mas na maioria das vezes pedimos o que não se deve pedir. Não devemos pedir, por exemplo, o afastamento da dor, mas as forças e a compreensão para suportá-la.

Emmanuel nos dá em "Recados do Além" um modelo extraordinário de prece de pedido:

"Jesus! Reconheço que a Tua vontade é sempre o melhor para cada um de nós; mas se me permites algo pedir-Te, rogo me auxilies a ser uma bênção para os outros". (22)

Outro exemplo de prece de pedido é esta, utilizada pelo Centro de Valorização da Vida (C.V.V.) com o nome de Oração da Serenidade e autoria atribuída a São Francisco de Assis:

"Concedei-nos, Senhor,
a serenidade necessária para aceitar
as coisas que não podemos modificar;
coragem para modificar aquelas que podemos e
sabedoria para distinguir umas das outras".

Várias preces são conhecidas e enaltecidas por sua beleza e profundidade. A Oração Dominical, modelo de concisão, diz tudo o que precisamos dizer numa prece. A Oração de São Francisco de Assis e a prece de Cáritas, também. Mas são poucas as orações que apresentam a beleza da prece que Abigail fez na agonia e morte de seu pai e de seu irmão Estêvão (23), beleza que advém não

²² "A Constituição Divina", pág. 19.

²³ "Paulo e Estêvão", de Emmanuel, págs. 42 e 162.

só da poesia mas da elevação e robustez de sentimentos de que a prece se reveste:

"Senhor Deus, pai dos que choram,
Dos tristes, dos oprimidos,
Fortaleza dos vencidos,
Consolo de toda a dor,
Embora a miséria amarga
Dos prantos de nosso erro,
Deste mundo de desterro
Clamamos por vosso amor!
Nas aflições do caminho,
Na noite mais tormentosa,
Vossa fonte generosa
É o bem que não secará.
Sois, em tudo, a luz eterna
Da alegria e da bonança,
Nossa porta de esperança
Que nunca se fechará.
Quando tudo nos despreza
No mundo da iniquidade,
Quando vem a tempestade
Sobre as flores da ilusão!
Ó Pai, sois a luz divina,
O cântico da certeza,
Vencendo toda aspereza,

Vencendo toda aflição.
No dia da nossa morte,
No abandono ou no tormento,
Trazei-nos o esquecimento
Da sombra, da dor, do mal!...
Que nos últimos instantes,
Sintamos a luz da vida
Renovada e redimida
Na paz ditosa e imortal".

Manifestação natural da alma elevada – Allan Kardec nos ensina: "É, sem dúvida, não apenas útil, porém necessário rogar, por meio de uma invocação especial, por uma espécie de prece, o concurso dos bons Espíritos. Essa prática predispõe ao recolhimento, condição especial a toda a reunião séria". ⁽²⁴⁾

No início e no término das reuniões espíritas fazemos a prece para que o ambiente espiritual seja favorável e tenhamos a presença de Espíritos elevados, que a prece atrai, o que será uma garantia de proteção contra o mal. No decurso da sessão mediúnica, a oração será utilizada em benefício dos companheiros e dos Espíritos, pelo potencial de forças fluídicas que a prece consegue aglutinar.

A prece, contudo, será sempre mais poderosa se partir de uma alma elevada, de um Espírito de conduta ilibada, de uma criatura de bons sentimentos. Há pessoas que, por haverem conseguido libertar-se das paixões

²⁴ "Viagem Espírita em 1862", cap. XI, pág. 144.

animalizantes e dos interesses egoísticos da Terra, fazem de sua vida uma prece permanente. A prece nelas é cultivada com naturalidade e eficiência extraordinária, enquanto que nós temos ainda que nos esforçar para que nossa rogativa atinja o objetivo colimado.

Despojados da ignorância e da perturbação que o mal engendra em nós, iremos aos poucos descobrindo que pela prece muita coisa pode ser conseguida em nosso benefício espiritual e das pessoas que nos cercam. Entenderemos então que a prece, por depender fundamentalmente da sinceridade e da elevação com que é feita, é uma manifestação espontânea e pura da alma, e não apenas uma repetição formal de termos alinhados convencionalmente, como se fosse uma fórmula mágica para afastar o sofrimento e os problemas.

As radiações e suas bases

SUMÁRIO: Bases das radiações. Conceito de radiações. Os centros vitais do perispírito. A aura psíquica. Condições de quem irradia. O que é importante para a obtenção de elementos fluídicos de boa qualidade. A técnica da irradiação.

As radiações e suas bases – As radiações são um poderoso agente de tratamento, tanto material como espiritual. São tão eficientes como qualquer tratamento feito na presença do indivíduo. A distância não representa impedimento algum. As radiações significam passes a distância. Em ambas as hipóteses, a ação da mente, a força do pensamento, o impulso amoroso e a vibração fraterna constituem a mola propulsora do fenômeno.

A base do fenômeno é o fluido cósmico universal, "hausto do Criador, força nervosa do Todo-Sábio" ⁽²⁵⁾, em que nos encontramos mergulhados e que absorvemos automática e inconscientemente, por várias portas de entrada do nosso organismo perispiritual, em que se destacam os centros vitais, também chamados chacras ou centros de força, que André Luiz especifica em número de sete ⁽²⁶⁾, a saber:

1º. Centro coronário – instalado na região central do cérebro, que assimila os estímulos do Plano Superior e orienta a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada

²⁵ "Evolução em Dois Mundos", Primeira Parte, cap. I, pág. 19.

²⁶ Ibidem, Primeira Parte, cap. II, págs. 26 e 27.

ou desencarnada e, ainda, supervisiona os outros centros vitais que lhe obedecem ao impulso, procedente do Espírito;

2º. Centro cerebral – contíguo ao coronário, com influência decisiva sobre os demais, que governa o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endócrinas e administrando o sistema nervoso, em toda a sua organização, coordenação, atividade e mecanismo;

3º. Centro laríngeo – que controla notadamente a respiração e a fonação;

4º. Centro cardíaco – que dirige a emotividade e a circulação das forças de base;

5º. Centro gástrico – que se responsabiliza pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluídicos que nos penetram a organização;

6º. Centro esplênico – que determina todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sanguíneo; e

7º. Centro genésico – que coordena a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas.

O fluido cósmico universal, ao ser absorvido por um dos centros de força que constituem o corpo perispirítico, metaboliza-se em fluido vital e é canalizado de acordo com a maior ou menor intensidade do estado emocional da criatura, irradiando-se posteriormente em seu redor e formando o que chamamos aura psíquica. É essa carga de forças, essa energia radiante, que transmitimos aos outros, pelo mecanismo de nossa vontade, consciente ou inconscientemente dirigida.

Condições de quem irradia – Existe, assim, uma irradiação psíquica permanente em torno de nós e, em face disso, cada alma envolve-se no círculo de forças vivas que lhe transpiram do hálito mental, na esfera de criaturas a que se imana. ⁽²⁷⁾ Os sensitivos percebem com certa precisão o estado do ambiente e das pessoas que o compõem, justamente pelo fato de sentirem essa irradiação.

Outro tipo de irradiação é a que se faz a distância, projetando o nosso pensamento e o nosso sentimento em favor de alguém, e desse modo movimentando as forças psíquicas, por ato da vontade. É preciso, entretanto, entender que somente pode dar alguma coisa boa quem a possui, quem a armazena.

O preparo da criatura, por meio de seus atos, pensamentos e sentimentos, vai plasmando na sua atmosfera espiritual uma tonalidade vibratória e uma quantidade de energias fluídicas agradáveis e salutares que poderão ser mobilizadas por meio da vontade convenientemente dirigida.

A frugalidade na alimentação e a ausência de vícios, como o álcool, o fumo e a conversação de baixo teor, bem como a procura de um comportamento compatível com a condição de verdadeiro espírita, tudo isso constitui fator importante à obtenção de elementos fluídicos de boa qualidade, a fim de serem transmitidos aos que deles necessitam.

Técnica da irradiação – É preciso levar em conta que na irradiação as forças magnéticas também se submetem à lei das proporções. Não é pelo muito pedir que

²⁷ “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 1, págs. 15 e 16.

alguém conseguirá o seu desiderato. Cada pessoa movimenta uma certa quantidade dessas forças que, reunidas com as do mundo espiritual, poderão ser carregadas para o seu objetivo.

Devemos focalizar o nosso pensamento no alvo a ser atingido, restringindo-o a uma certa área ou pessoa, ou grupo de pessoas. A irradiação deve, assim, focalizar alguém ou uma situação determinada, ficando entendido que os pedidos feitos de forma genérica em favor de todos os necessitados não alcançam objetivamente os seus fins, senão que valem pela intenção e o potencial fluídico movimentado, que é, nesse caso, aplicado pelos amigos espirituais.

Ensina André Luiz: "Todo pensamento é onda de força criativa e os pensamentos de paz e fraternidade, emitidos pelo grupo, constituirão adequado clima de radiações benfazejas, facultando aos amigos espirituais presentes os recursos precisos à formação de socorros diversos, em benefício dos companheiros que integram o círculo, dos desencarnados atendidos e de irmãos outros, necessitados de amparo espiritual a distância". (28)

A técnica consiste nisto: inicialmente nos concentramos, em seguida oramos e depois, pela vontade, focalizamos o alvo de nossa irradiação, como que transmitindo aquilo que se queira dar: paz, conforto, coragem, saúde, equilíbrio, paciência etc.

Um dos componentes da equipe, nomeado pelo dirigente, poderá articular, então, uma prece em voz alta, lembrando na oração "os enfermos espirituais que se comunicaram, os desencarnados que participaram silenci-

²⁸ "Desobsessão", cap. 51.

osamente da reunião, os doentes dos hospitais e os irmãos carecentes de socorro e de alívio, internados em casas assistenciais e instituições congêneres".⁽²⁹⁾

²⁹ Ibidem, cap. 51.

O passe magnético e suas formas

SUMÁRIO: Conceito de fluido. A atmosfera fluídica do ser humano. O passe magnético e suas modalidades. Qualidades que o tarefeiro do passe deve revelar. Fatores importantes para o êxito do serviço de passes. Recomendações especiais aos médiuns passistas.

Conceito de fluido – Em "Obras Póstumas", Kardec ensina que cada ser tem "seu fluido próprio, que o envolve e acompanha em todos os movimentos, como a atmosfera acompanha cada planeta". ⁽³⁰⁾

A atmosfera fluídica do ser humano é plasmada por seus atos, pensamentos e sentimentos, dada a enorme influência que o pensamento e a vontade exercem sobre os fluidos.

Os fluidos são formas energéticas da substância elementar que o organismo perispiritual absorve do meio ambiente, transforma segundo o padrão vibratório em que se encontra e irradia em derredor de si.

Em comunicação dada na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em 28 de janeiro de 1859, a Sra. Reynaud ensina que o fluido magnético emana do sistema nervoso, mas que este o extrai da atmosfera, sua fonte principal. ⁽³¹⁾

André Luiz, reportando-se ao assunto, associa também fluidos e mente ao afirmar que o fluido magnético

³⁰ "Obras Póstumas", Introdução ao Estudo da Fotografia e da Telegrafia do Pensamento, pág. 100.

³¹ "Revista Espírita", ano de 1859, pág. 80.

constitui “emanação controlada de força mental sob a alavanca da vontade”, com atuação decisiva sobre as entidades celulares que formam o Estado Orgânico em que nos expressamos. ⁽³²⁾

Neutros em si mesmos, os fluidos adquirem as qualidades do meio em que são elaborados, do mesmo modo que a água se modifica conforme o leito por onde caminha. ⁽³³⁾

Assim, do ponto de vista moral, os fluidos trazem a impressão dos sentimentos de ódio, inveja, ciúme, orgulho, egoísmo, violência, bondade, benevolência, doçura etc. Do ponto de vista físico, os fluidos são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, soporíferos, narcóticos, tóxicos, reparadores etc.

Os fluidos serão mais harmônicos, agradáveis, luminosos e saudáveis, quanto mais elevados são os pensamentos e os sentimentos da pessoa que os emite.

O fluido bom possui vibração elevada e pura que reconforta, estimula e cura as perturbações físicas e morais.

Os fluidos pesados, mórbidos e desagradáveis, que são irradiados por Espíritos inferiores, maléficos ou enfermos, causam distúrbios e doenças. Há fluidos tão pesados, animalizados e impuros, que possuem mau cheiro. Os Espíritos obsessores condensam-nos até torná-los viscosos e fortemente aderentes, e com eles envolvem as regiões ou órgãos da pessoa que desejam

³² “Evolução em Dois Mundos”, Segunda Parte, cap. XV, págs. 201 e 202.

³³ A respeito do tema fluidos, leia “A Gênese”, de Allan Kardec, cap. XIV, itens 13 a 21.

atingir e até mesmo a aura de sua vítima, isolando-a completamente do meio exterior.

O passe magnético e suas modalidades – O passe magnético dissolve esse visco e permite a penetração de fluidos finos e luminosos que restabelecem as funções orgânicas.

Sendo, na conceituação de Emmanuel, uma transfusão de energias psíquicas, que dispensa qualquer contato físico na sua aplicação ⁽³⁴⁾, o passe pode, como toda a ação magnética, realizar-se de muitas maneiras ⁽³⁵⁾:

1ª. pelo próprio fluido do magnetizador: é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;

2ª. pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e sem intermediário sobre um encarnado: é o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito;

3ª. pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, que serve de veículo para esse derramamento: é o *magnetismo misto, semiespiritual* ou *humano-espiritual*, em que, combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece.

Explicando a André Luiz o papel dos Espíritos no serviço de passes, o benfeitor espiritual Conrado assim se expressou: "Somos nós aqui, neste recinto consagrado à missão evangélica, sob a inspiração de Jesus, algo semelhante à singela tomada elétrica, dando passagem à

³⁴ "O Consolador", questões nºs 98 e 99.

³⁵ "A Gênese", cap. XIV, item 33.

força que não nos pertence e que servirá na produção de energia e luz". (36)

A comparação de Conrado era perfeita e disso nos dá conta o próprio André Luiz: "Os passistas afiguravam-se nos como duas pilhas humanas deitando raios de espécie múltipla, a lhes fluírem das mãos, depois de lhes percorrerem a cabeça, ao contacto do irmão Conrado e de seus colaboradores". (37)

Qualidades do tarefeiro do passe – O tarefeiro do passe, na esfera espiritual, precisa revelar determinadas qualidades de ordem superior e certos conhecimentos especializados. Não lhe basta a boa vontade: ele não pode satisfazer em semelhante serviço, se ainda não conseguiu manter um padrão superior de elevação mental contínua, condição indispensável à exteriorização das faculdades radiantes. (38)

O êxito do trabalho reclama experiência, horário, segurança e responsabilidade do servidor fiel aos compromissos assumidos. A oração é prodigioso banho de forças. O missionário do auxílio magnético, na Crosta ou na esfera espiritual, necessita ter grande domínio sobre si mesmo, espontâneo equilíbrio de sentimentos, acendrado amor aos semelhantes, alta compreensão da vida, fé vigorosa e profunda confiança em Deus. (39)

Alexandre ressalva, no entanto, que na Crosta a boa vontade sincera, em muitos casos, pode suprir essa ou

36 "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 17, pág. 164.

37 Ibidem, cap. 17, pág. 165.

38 "Missionários da Luz", cap. 19, pág. 321.

39 Ibidem, cap. 19, pág. 321.

aquela deficiência ⁽⁴⁰⁾, visto que o médium passista ⁽⁴¹⁾ é, em verdade, um instrumento da ajuda, mas não a fonte exclusiva dessa ajuda.

Adquirida a vontade de servir, os passos seguintes, para o servidor encarnado, serão: elevação, equilíbrio do campo das emoções, alimentação equilibrada, libertação do álcool e de outras substâncias tóxicas, seguidos do aperfeiçoamento moral contínuo. ⁽⁴²⁾

Recomendações aos médiuns passistas – Diante do que acabamos de ver, o médium passista deve prestar máxima atenção às recomendações especiais que se seguem.

A primeira diz respeito aos vícios arraigados, tais como o tabagismo, o alcoolismo e o uso de drogas em geral, de que é indispensável o médium passista se liberte para não transferir aos pacientes, junto com seu fluido, as emanções naturais das substâncias a eles pertinentes. O fumo, o álcool e as substâncias tóxicas – diz Divaldo Franco – atuam nos centros vitais e nas correntes magnéticas do organismo, alterando, desse modo, a constituição da aura das pessoas. ⁽⁴³⁾

⁴⁰ Ibid., cap. 19, pág. 321.

⁴¹ A expressão “médium passista”, adotada por André Luiz e largamente utilizada no movimento espírita brasileiro, é estranha à obra de Kardec, que não a utilizou jamais para designar os tarefeiros do passe. O Codificador preferia a expressão “médium curador” para designar o tarefeiro do serviço de passe, que ele chamava simplesmente de “imposição das mãos”, reservando o vocábulo “passe” apenas para identificar a prática dos magnetizadores.

⁴² “Missionários da Luz”, cap. 19, pág. 323.

⁴³ “Moldando o Terceiro Milênio”, de Fernando Worm, cap. 8, pág. 82.

A segunda recomendação é abster-se de aplicar o passe quando estiver enfermo, fraco ou intoxicado por excessos de alimentação e medicamentos, ou quando se encontrar espiritualmente perturbado, visto que pelo passe se transmitem fluidos perniciosos decorrentes desses estados.

A terceira é procurar renovar os hábitos para que, em modificando os pensamentos, os sentimentos e os atos, sua atmosfera individual seja cada vez mais elevada.

Postura física e mental durante o passe

SUMÁRIO: Mecanismo da ação curativa. Natureza do fluido magnético. Ação dos fluidos sobre o perispírito. Postura física e mental no momento do passe. Elementos importantes no passe. Sete conselhos para o serviço do passe. Resultados do passe magnético.

Mecanismo da ação curativa – Vimos no capítulo anterior que a ação magnética pode revestir três formas: humana, espiritual e humano-espiritual. Em qualquer delas, porém, o elemento fundamental é a qualidade do fluido que se transmite do doador para o receptor.

O corpo perispiritual é, para valer-nos aqui da terminologia adotada pelo Espiritismo, uma criação fluídica. Ele não fica encerrado dentro do corpo físico, mas se irradia ao seu redor. Nessa expansão, ele coloca a alma encarnada em relação mais direta com os Espíritos – emitindo e recebendo vibrações, saneando ou viciando os fluidos circundantes. Em face de sua natureza fluídica, o perispírito assimila com facilidade os fluidos espirituais, como uma esponja se embebe de um líquido.

Os Espíritos, quando responderam a Kardec a respeito da natureza do fluido magnético, assim se manifestaram: "Fluido vital, eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal". ⁽⁴⁴⁾ O fluido magnético pode, pois, fornecer princípios reparadores ao corpo. O Espírito, encarnado ou não, "é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância

⁴⁴ "O Livro dos Espíritos", questão nº 427.

do seu envoltório fluídico". "A cura se opera mediante a substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas depende também da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido." (45)

Os fluidos têm, assim, sobre o perispírito uma ação tanto mais direta quanto por sua expansão e irradiação o corpo espiritual com eles se confunde. Reagem sobre o perispírito e este, por sua vez, reage sobre o organismo físico, ao qual está ligado molecularmente. Se tais eflúvios forem de boa natureza, o corpo receberá uma salutar impressão. É o que ocorre nos passes benéficos. Se os eflúvios forem maus, a impressão será penosa. Se forem maus e permanentes, poderão provocar desordens físicas e moléstias de origem desconhecida. É o que ocorre nas obsessões graves. Kardec afirma que "não é outra a causa de certas enfermidades". (46)

Postura física e mental durante o passe – O valor da oração e do pensamento elevado é uma coisa bem conhecida no meio espírita.

Ensina André Luiz: "A prece, a meditação elevada, o pensamento edificante, refundem a atmosfera, purificando-a". (47) Na mesma obra, André registra esta lição do instrutor Alexandre: "O pensamento elevado santifica a atmosfera em torno e possui propriedades elétricas que o homem comum está longe de imaginar". (48)

45 "A Gênese", cap. XIV, item 31.

46 Ibidem, cap. XIV, item 18.

47 "Missionários da Luz", cap. 5, pág. 46.

48 Ibidem, cap. 5, pág. 46.

Reportando-se ao passe, Emmanuel esclarece: "Onde exista sincera atitude mental do bem, pode estender-se o serviço providencial de Jesus. Não importa a fórmula exterior". ⁽⁴⁹⁾

O passe magnético humano-espírita, ou misto, que é a forma adotada no meio espírita, requer tão somente imposição de mãos, sem necessidade de transe mediúnico ⁽⁵⁰⁾ e sem contato físico. ⁽⁵¹⁾

Ensina-nos um dos textos que formam a apostila do Centro de Orientação e Educação Mediúnica (COEM), obra elaborada sob a supervisão do Dr. Alexandre Sech: ⁽⁵²⁾

"A imposição de mãos, como o fez Jesus, é o exemplo correto de transmitir o passe.

⁴⁹ "Caminho, Verdade e Vida", cap. CLIII.

⁵⁰ No livro "Diretrizes de Segurança", questão nº 69, Divaldo Franco afirma que o passe deve ser dado sempre em estado de lucidez e absoluta tranquilidade e que os passes praticados sob a ação de uma incorporação propiciam resultados menos valiosos, porque, enquanto o médium está em transe, ele sofre um desgaste e, aplicando passe, ele sofre outro desgaste. Os Espíritos – explica Divaldo – podem ajudar, manipular, extrair energia do médium passista sem o desgastar, não sendo, portanto, necessário o transe mediúnico na realização do passe.

⁵¹ Com relação à desnecessidade de contato físico entre o médium passista e o paciente, eis o que André Luiz descreveu no cap. 17, págs. 164 e 165, da obra "Nos Domínios da Mediunidade": "Os recursos magnéticos, aplicados a reduzida distância, penetravam assim mesmo o halo vital ou a aura dos doentes, provocando modificações subitâneas".

⁵² COEM, 11^a Sessão de Exercício Prático, obra publicada pelo Centro Espírita Luz Eterna.

"Os movimentos que gradativamente foram sendo incorporados à forma de aplicação do passe criaram verdadeiro folclore quanto a esta prática espírita, desfigurando a verdadeira técnica.

"Os passistas passaram a se preocupar mais com os movimentos que deveriam realizar do que com o dirigir seus pensamentos para movimentar os fluidos."

Idêntico a esse é o pensamento de José Herculano Pires, que assim se manifestou sobre o assunto: ⁽⁵³⁾

"O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus, como se vê nos Evangelhos.

"Origina-se das práticas de cura do Cristianismo Primitivo. Sua fonte humana e divina são as mãos de Jesus.

"O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje o envolveram alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista.

"Todo o poder e toda a eficácia do passe espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo. Os passes padronizados e classificados derivam de teorias e práticas mesméricas, magnéticas e hipnóticas de um passado há muito superado. Os Espíritos realmente elevados não aprovam nem ensinam essas coisas, mas apenas a prece e a imposição das mãos."

A opção pela simples imposição das mãos, como se faz no Paraná e na maioria das Casas espíritas do nosso país, não significa que as outras formas de aplicação do passe sejam nocivas, mas sim que a movimentação de

⁵³ "Obsessão, o Passe, a Doutrinação", págs. 35 a 37.

mãos e braços não se justifica, porque, no passe humano-espiritual, **quem dirige a energia fluídica é o Espírito**, não o passista, como Kardec registrou com toda a clareza em sua obra. ⁽⁵⁴⁾

Compreende-se, assim, que a postura física não é relevante e que não existe posição convencional para que o beneficiado receba as energias. Pernas descruzadas, mãos em concha voltadas para o alto, e coisas desse gênero, são convenções sem fundamento doutrinário. O essencial no passe magnético é a disposição mental de quem o ministra e de quem o recebe, não a posição do corpo ou a técnica adotada.

Elementos importantes no passe – Kardec destaca ainda como fatores importantes no passe o desejo ardente, a confiança e a fé do doente. O médium passista – diz ele – funciona, no passe, como uma bomba calcante e o paciente como uma bomba aspirante. "Algumas vezes é necessária a simultaneidade das duas ações; doutras basta uma só", diz o autor de "A Gênese". ⁽⁵⁵⁾

Ensina o Codificador que "a faculdade de curar pela imposição das mãos deriva evidentemente de uma força excepcional de expansão, mas diversas causas concorrem para aumentá-la, entre as quais são de colocar-se na primeira linha: a pureza dos sentimentos, o desinteresse, a benevolência, o desejo ardente de proporcionar alívio, a prece fervorosa e a confiança em Deus; numa palavra: todas as qualidades morais". ⁽⁵⁶⁾ Observa Kardec que uma grande força fluídica, aliada à maior soma possível de qualidades morais, pode operar, em matéria

⁵⁴ "O Livro dos Médiuns", cap. XIV, item 176, 2ª pergunta.

⁵⁵ "A Gênese", cap. XIV, item 11.

⁵⁶ "Obras Póstumas", Manifestações dos Espíritos, item 52.

de curas, verdadeiros prodígios. E acrescenta: "A ação fluídica, ao demais, é poderosamente secundada pela confiança do doente, e Deus quase sempre lhe recompensa a fé, concedendo-lhe o bom êxito". ⁽⁵⁷⁾

Assim, quando o paciente se coloca em posição impermeável ante o passe, revelando atitudes de descrença, leviandade ou aversão, mesmo que o auxílio recebido seja bom, o passe será nulo quanto ao seu resultado. Jesus várias vezes enfatizou em suas curas: "A tua fé te curou". Isso explica tudo.

Sete conselhos para o serviço do passe – No cap. 28 do livro intitulado "Conduta Espírita", psicografado pelo médium Waldo Vieira, André Luiz dirige aos tarefeiros do passe sete conselhos, que adiante resumimos:

1º. Quando da aplicação de passes, fugir à indagação sobre resultados e jamais temer a exaustão das forças magnéticas. O bem ajuda sem perguntar;

2º. Lembrar que na aplicação de passes não há necessidade da gesticulação violenta, da respiração ofegante ou do bocejo costumeiro, nem do toque direto no paciente. O passe dispensa qualquer recurso espetacular;

3º. Esclarecer sobre a inconveniência da petição de passes todos os dias, sem que haja necessidade real. É falta de caridade abusar da bondade alheia;

4º. Proibir ruídos, o fumo, o álcool e o ajuntamento de pessoas, ou a presença de criaturas sarcásticas ou irreverentes no recinto da assistência e do tratamento espiritual. De ambiente poluído, nada de bom se pode esperar;

⁵⁷ Ibidem, item 53.

5º. Interromper as manifestações mediúnicas no horário do passe. ⁽⁵⁸⁾ Disciplina é a alma da eficiência;

6º. Interditar, se necessário, a presença de enfermos portadores de moléstias contagiosas nas sessões de assistência em grupo, situando-os em regime de separação para o socorro previsto. A fé não exclui a previdência;

7º. Quando for oportuno, adicionar o sopro curativo aos serviços do passe magnético, bem como o uso da água fluidificada ou do atendimento a distância, por meio da oração. O bem eterno é bênção de Deus à disposição de todos.

Aos conselhos de André Luiz aditamos mais um, fundamental a um bom trabalho na atividade do passe: o passista deve preparar-se convenientemente para a tarefa, por meio da elevação espiritual, da prece, da meditação e do estudo contínuo, entendendo que a transmissão do passe é um ato eminentemente fraterno, pelo qual doamos o que melhor podemos ter em sentimentos e vibrações.

Em depoimento acerca do tema, Divaldo P. Franco diz que o que vamos transmitir, no passe, é uma radiação que fomenta no paciente "uma reativação dos seus fulcros energéticos para restabelecer-lhe o equilíbrio". "O passe é, antes de tudo, uma transfusão de amor." ⁽⁵⁹⁾

⁵⁸ André Luiz refere-se aí ao passe ministrado nas câmaras de passe, em seguida às palestras públicas, uma prática comum nos Centros Espíritas. É óbvio que ele não está tratando nesse caso do passe ministrado aos Espíritos enfermos no decurso de uma reunião mediúnica.

⁵⁹ "Diálogo com Dirigentes e Trabalhadores Espíritas", págs. 61 e 63.

Resultados do passe – Há pessoas que têm uma capacidade maior de absorção e armazenamento das energias que emanam do fluido cósmico universal. Tal requisito as coloca em condições de transmitir o potencial de energias a outras criaturas que estejam eventualmente necessitando desse recurso. O fluxo energético se mantém à custa da projeção da vontade do passista, bem como das entidades desencarnadas que auxiliam na composição e direção dos fluidos, não existindo necessidade de incorporação mediúnica.

As forças fluídicas vitais a serem transmitidas dependerão do estado de saúde do médium e as espirituais do seu grau de desenvolvimento moral. É por isso que o médium passista deve estar em perfeito equilíbrio orgânico e espiritual.

Os resultados do passe, dependendo das condições do trabalho e do passista, podem então ser maléficos, nulos ou benéficos:

a) *maléficos* – quando o médium passista esteja com estado de saúde precário, com o organismo intoxicado por excesso de alimentação ou vícios (como fumo, álcool, drogas), ou em estado de desequilíbrio espiritual (revolta, raiva, orgulho etc.) e nesses casos o paciente esteja com suas defesas nulas;

b) *nulos* – quando, nas hipóteses acima, o paciente possua defesas positivas diante da torrente de energias negativas transmitidas pelo médium passista, o que se dá nos casos de merecimento individual e por ação dos protetores desencarnados. E quando, apesar de receber um recurso favorável, o paciente mantém posição refratária com relação ao passe (descrença, aversão, sarcasmo);

c) *benéficos* – quando o passista apresenta estado de saúde equilibrado e equilíbrio espiritual e o paciente

apresenta receptividade ao recurso espiritual, bem como disposição de melhora efetiva.

Percepção e identificação de fluidos

SUMÁRIO: O Universo que não conseguimos perceber normalmente. Os fluidos e sua fonte primária. Absorção automática de fluidos. Exteriorização e percepção fluídica. Atmosfera psíquica própria do ser humano. Identificação e análise dos fluidos.

Os fluidos e sua fonte primária – Vivemos em um Universo constituído de partículas, raios e ondas, que não conseguimos perceber normalmente. A própria matéria é constituída de pequenas porções chamadas átomos, que são tão pequenas que não podem ser vistas nem com os melhores aparelhos. Mas, ainda assim, concebemos que a matéria compacta que conhecemos e que compõe um objeto qualquer – uma mesa, uma cadeira, um livro – é formada do ajuntamento dessas pequenas partículas invisíveis.

Elas não são imóveis, pelo contrário; é a velocidade intensa que as anima que faz com que estejam aparentemente em muitos lugares, dando continuidade à matéria. As pás de um ventilador desligado dão-nos uma ideia a respeito, visto que se pode passar os dedos entre elas, através dos espaços vazios, o que não é possível fazer quando o ventilador está ligado.

Estamos submersos em um mundo de matéria sutilizada, refinada, invisível, porém real, e que tem como fonte primeira uma substância que denominamos fluido

cósmico universal, que dá origem a todas as formas materiais conhecidas e desconhecidas, bem como a todas as formas de energia nos variados graus em que se manifesta.

Os fluidos nada mais são que formas energéticas dessa substância primordial que nosso perispírito automaticamente absorve do meio ambiente, transforma de acordo com o padrão vibratório espiritual em que se encontra e irradia em derredor de si, formando uma verdadeira esteira psíquica, ou hálito mental. ⁽⁶⁰⁾

Essa substância primordial sujeita-se à impulsão da mente do Espírito, esteja encarnado ou desencarnado, e o pensamento e as emoções dão-lhe uma determinada estrutura, mais ou menos densa, de acordo com a maior ou menor pureza ou harmonia com que são emitidos. Quanto mais elevados são os pensamentos e as emoções, os fluidos são mais harmônicos, agradáveis, luminosos e saudáveis. Quanto mais inferiores, mais desarmonicos, desagradáveis, escuros, doentios.

Exteriorização e percepção fluídica – Constantemente estamos irradiando de nós o que realmente somos e impregnando com esse fluido particular as coisas, o ambiente, os objetos, influenciando assim sobre as pessoas que aceitam e assimilam essa tonalidade energética. Graduando a força do pensamento, podemos irradiar uma quantidade maior e de qualidade superior de fluidos que metabolizamos com a nossa mente. Daí a importância de sempre a mantermos em estado de elevação.

⁶⁰ Sobre os fluidos, sua natureza e suas qualidades, leia também os cap. 5 e 6 desta obra.

Como visto, estamos envoltos em uma atmosfera fluídica que absorvemos automaticamente e metabolizamos, dando características particulares a esses fluidos. Assim é que cada um de nós vive na atmosfera psíquica que lhe é própria, recebendo na proporção exata do que tenha semeado.

É preciso saber, porém, que não vivemos isolados e que agimos e reagimos uns sobre os outros. Uma lei rege esse mecanismo: os semelhantes se atraem e os contrários se repudiam. Sabemos também que no fenômeno mediúnic, durante o transe, ocorre uma exteriorização mais ou menos acentuada do perispírito do médium e, nessas circunstâncias, se acordam na criatura percepções que se achavam impedidas de funcionar plenamente, em face do maior estreitamento vibratório determinado pela influência do organismo físico sobre a alma.

Assim, o médium fica de posse de uma percepção mais acurada e sente em todo o corpo uma sensação de maior vibratibilidade, conseguindo então, pela associação das correntes fluídicas com que entra em contato, saber-lhes a intenção, sentir-lhes o "peso específico", que será tanto maior quanto mais desagradáveis e pesados forem os fluidos.

Os fluidos que envolvem uma pessoa se misturam com os que compõem a atmosfera espiritual dos indivíduos presentes e dos Espíritos atraídos para o ambiente, formando no seu conjunto o ambiente fluídico do local, que pode ser perfeitamente percebido pelo médium, pois este dispõe de sentidos mais aguçados.

Identificação e análise dos fluidos – A prática ensinará ao médium como deve diferenciar os vários tipos de Espíritos, conforme os fluidos que lhes são particulares.

De um modo geral, sabemos que os bons Espíritos irradiam em torno de si fluidos leves, agradáveis, suaves, calmos, harmônicos, e o médium tem uma sensação de bem-estar geral e euforia espiritual, podendo então, se entrar na faixa mental do Espírito, perceber-lhe as ideias, intenções e sentimentos. Os maus irradiam fluidos pesados, desagradáveis, fortes, violentos, desarmônicos, e o médium tem uma sensação de mal-estar geral, ansiedade, desassossego, nervosismo, cabeça pesada, pálpebras chumbadas, bocejos frequentes e arrepios. ⁽⁶¹⁾

O médium em desenvolvimento, após a concentração e a prece, ficará em atitude passiva, relaxado física e psiquicamente, procurando colocar-se em condições de perceber o ambiente psíquico local e o de alguma entidade que porventura dele se aproxime, analisando, quanto possa, os efeitos dessa influência, a ela se associando ou rechaçando-a.

⁶¹ "A Gênese", cap. XIV, itens 19 e 20.

Formas de absorção e rejeição de fluidos

SUMÁRIO: Tipos de fluidos. Significado das cores com que os fluidos se apresentam. A absorção fluídica. Rejeição automática ou voluntária dos fluidos. Diferença entre percepção e absorção fluídica.

Tipos de fluidos – Neutros em si mesmos, como já vimos, os fluidos diferenciam-se uns dos outros de conformidade com a condição espiritual de quem os emite ou com o tipo de ação que a mente sobre eles exerce. Nesse sentido, as mais variadas categorias de fluidos existem, cada qual servindo como vestimenta dos sentimentos, dos pensamentos e das ações de cada um de nós.

De acordo com a tonalidade vibratória em que a criatura se situe, os fluidos apresentam-se para os videntes em cores dos mais variados matizes, cada uma delas significando determinados sentimentos predominantes. Cores escuras, fortes e violentas significam sentimentos maus e agressivos. Cores suaves, alegres e brilhantes indicam a presença de sentimentos elevados.

Cada um de nós é um dinamopsiquismo emissor e receptor permanente, visto que não apenas recebemos influências dos outros, mas também sobre eles influímos.

Formas de absorção e rejeição de fluidos –

Quando estamos em situação favorável, mediunicamente falando, isto é, com parcial ou total exteriorização do nosso perispírito, percebemos os fluidos emitidos por uma entidade, ou presentes em determinado ambiente, a eles nos associando ou não, dependendo do nosso padrão vibratório.

Se vibramos na mesma faixa ou padrão mental, reforçamos as vibrações recebidas e estabelecemos o que se chama sintonia vibratória, graças ao fenômeno da afinidade. Para isso concorre não só o nosso estado espiritual, como a movimentação da nossa vontade no sentido de aceitar ou não as vibrações sobre nós projetadas.

Estaremos, no primeiro caso, diante de um fenômeno de absorção fluídica, em que os afins se atraem e se somam.

Assim, se estivermos em um ambiente onde imperem fluidos de natureza grosseira e inferior, e começarmos a emitir pensamentos infelizes, fatalmente entraremos na mesma faixa vibratória.

Se, porém, o ambiente estiver saturado de fluidos de natureza superior, ser-nos-á possível absorvê-los se nos elevarmos até à faixa vibratória que lhes é própria, à custa de bons pensamentos, boas ideias e bons sentimentos.

A rejeição dos fluidos existentes no ambiente se faz, pois, automaticamente, ou por força da vontade, atentos à lei que determina que forças contrárias se repilam.

Diferença entre percepção e absorção – Existe uma clara diferença entre percepção e absorção fluídica.

No primeiro caso, o médium atua como elemento passivo, capaz de tão somente perceber as vibrações em

derredor, dentro de certo limite. No caso de absorção, ele não apenas percebe, como atrai para si a corrente fluídica, por meio da graduação que dá à sua mente por força de sua vontade.

Dessa maneira, cada médium recebe de acordo com as suas obras, conforme o preceito evangélico, não existindo privilégios na lei estabelecida pelo Criador Supremo.

As fases do fenômeno mediúnico

SUMÁRIO: Fase de afinidade fluídica e espiritual. Fase de aproximação da entidade. Fase de aceitabilidade do Espírito comunicante. Fase de incorporação mediúnica. A manifestação mediúnica. Condicionamentos e viciações.

As fases do fenômeno mediúnico – Em todo e qualquer fenômeno mediúnico de efeitos intelectuais ocorrem fases bem definidas, com certas particularidades que lhes são próprias:

- 1ª. Fase de afinidade fluídica e espiritual.
- 2ª. Fase de aproximação da entidade.
- 3ª. Fase de aceitabilidade do Espírito comunicante pelo médium.
- 4ª. Fase de incorporação mediúnica.

Fase de afinidade fluídica e espiritual – Antes da ocorrência do fenômeno, o médium é sondado psicicamente para avaliação de sua capacidade vibratória.

No caso em que a entidade passe a se comunicar com frequência, surge a afinidade espiritual, que depende da posição evolutiva do Espírito e do médium.

Dependendo do tipo de atividade mediúnica, o médium, durante o sono, dias antes do trabalho mediúnico, é levado pelos mentores espirituais a tomar contato com o Espírito que ele deverá receber mediunicamente, para

evitar choques inesperados durante a reunião, o que poderia ocasionar desequilíbrio vibratório momentâneo ou demorado, impedindo-o de alcançar os objetivos desejados.

Esse fato ocorre com frequência com os médiuns que integram os grupos de desobsessão. ⁽⁶²⁾

Fase de aproximação da entidade – Sequência natural da fase anterior, esta fase se dá no recinto do trabalho mediúnic, como preparação do médium para a tarefa. Pode ocorrer que antes da sessão o médium sinta a influência espiritual, mas deve controlar-se para evitar o transe fora de ocasião.

Geralmente sentirá os fluidos próprios da entidade, cabendo-lhe o trabalho de analisá-los e, conforme conhecimento anterior, absorvê-los ou rechaçá-los.

Fase de aceitabilidade do comunicante – Ativamente, o médium começa a vibrar, procurando afinizar-se melhor com a mente do Espírito. Manter-se-á calmo, confiante e seguro, certo de que nada de mau lhe acontecerá, porque o equilíbrio do grupo é uma segurança.

Sentirá seus pensamentos serem dirigidos por uma força estranha e aos poucos terá vontade de falar ou de escrever, ou apenas ficará na expectativa de novas associações mentais. Poderá então sentir-se diferente, como se fosse outra pessoa, ver mentalmente outros lugares, ter sensações diferentes, que vivenciará com maior ou menor intensidade.

⁶² "Missionários da Luz", cap. 16, págs. 263 a 268.

Fase de incorporação mediúnica – O Espírito, para se comunicar, não entra no corpo do médium. O que ocorre são assimilações de correntes fluídicas e mentais numa associação perfeita denominada sintonia vibratória. Os centros cerebrais do perispírito e do corpo físico do médium são estimulados pelas forças fluídicas e mentais da entidade comunicante e, quando se dá a associação, ocorre a chamada incorporação mediúnica.

Os casos Otávia ⁽⁶³⁾, Eugênia ⁽⁶⁴⁾ e Celina ⁽⁶⁵⁾, apresentados na obra de André Luiz, dão-nos uma ideia perfeita de como se processa o fenômeno.

O médium incorpora as ideias, as vivências e os sentimentos do Espírito comunicante e os transmite conforme a faculdade que possui. É, pois, natural que nessa fase o mediano se sinta diferente e apresente sensações anormais, suor, amortecimentos, respiração ofegante, tremores, nervosismo etc. O controle das reações orgânicas deverá surgir graças à confiança e à serenidade alcançadas com um bom treinamento mediúnico.

Condicionamentos e viciações – Ao se aproximar do médium, o Espírito combina seus fluidos perispirituais com os do médium, podendo este ter percepções diferentes das que estava tendo na ocasião – ele poderá sentir frio, calor, dor, bem-estar, ansiedade, medo, paz, ódio etc.

Muitas vezes, por falta de educação mediúnica, o médium reage com espalhafato diante dessas sensações. Mas não há necessidade de tremores, pancadas, chiados,

⁶³ "Missionários da Luz", cap. 16, págs. 271 a 273.

⁶⁴ "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 6, págs. 54 a 56.

⁶⁵ Ibidem, cap. 8, págs. 72 a 74.

assobios, gagueira, voz entrecortada e soturna. O médium deve controlar-se para que a comunicação ocorra naturalmente, sem clichês ou prefixos que se repetem nas comunicações, como a frase seguinte e outras assemelhadas: *"Vim das alturas trazendo a bandeira branca da paz..."*.

Não há, igualmente, necessidade de fazer certos gestos e trejeitos para marcar a presença de Espíritos. Isso era compreensível antigamente, quando, por falta de orientação, os médiuns davam um sinal de que estavam sob influência espiritual, daí surgindo os chiados, os gemidos, as contrações bruscas etc., porque os novatos viam que os mais velhos assim procediam para chamar a atenção do dirigente.

Deve-se também evitar transmitir mensagens na segunda pessoa do plural (*"Vós sois meus bem-amados; eu vos queria dizer..."*), para evitar erros de concordância que acabam por descolorir a comunicação.

A ordem das comunicações deve processar-se naturalmente e ela compete apenas ao dirigente espiritual. Assim, o dirigente encarnado evitará o sistema de chamar por ordem os médiuns, deixando que as comunicações se façam de forma espontânea. O dirigente procurará estar atento, com os olhos abertos, para atender às ocorrências da reunião.

Para evitar os condicionamentos e as viciações devemos guardar respeito íntimo, confiança, espírito de análise, serenidade e sinceridade em tudo aquilo que fizermos, acolhendo com simpatia as observações dos dirigentes que procuram evitar que o fenômeno mediúnico se banalize e se torne motivo de ridículo em nossas Casas Espíritas.

A incorporação mediúnica

SUMÁRIO: Conceito de incorporação mediúnica. Envolvimento mediúnico. Fundamento de todo fenômeno mediúnico. Importância da educação mediúnica. Necessidade de sintonia vibratória. Como os Espíritos superiores fazem para comunicar-se conosco.

Conceito de incorporação mediúnica – No fenômeno designado pelo nome de incorporação mediúnica, o que ocorre efetivamente é um envolvimento mediúnico, resultante do entrosamento das correntes vibratórias próprias do médium, emanadas de suas criações mentais e espirituais, com as do Espírito comunicante.

Nossos órgãos sensoriais, como os olhos e os ouvidos, estão condicionados pela natureza para perceberem vibrações dentro de um certo limite: ⁽⁶⁶⁾

a) nosso ouvido é incapaz de perceber o som produzido por menos de 40 vibrações por segundo, e nada percebe quando elas ultrapassam o limite de 36.000;

b) nossos olhos não registram a luz produzida por vibrações fora da frequência compreendida entre 458 milhões e 272 trilhões por segundo.

Na sessão mediúnica, o médium se coloca durante o transe em condições favoráveis de percepção mais nítida

⁶⁶ Os números mencionados, relativos às percepções sonoras e visuais do ser humano, foram extraídos do cap. X da obra "Estudando a Mediunidade", de Martins Peralva, embora reconheçamos que não existe consenso entre os especialistas quanto à exatidão de ambas as escalas.

do mundo espiritual que nos circunda. Por haver uma exteriorização maior do perispírito, fundamento de todo fenômeno mediúnico, este passa a vibrar em regime de maior liberdade, deixando-se influenciar pelo campo de entidades desencarnadas.

Os Espíritos, por sua vez, livres do corpo denso, situam-se em plano vibratório diferente do normalmente perceptível pelos encarnados, somente podendo fazer-se sentidos e comunicar-se conosco quando encontram médiuns que vibram dentro da mesma faixa em que se situam.

Importância da educação mediúnica – Ocorrendo, assim, uma perfeita correspondência entre o clima vibratório do Espírito e o do médium, estaremos diante do chamado envolvimento mediúnico, em que o encarnado passa a sentir a presença do Espírito desencarnado, podendo perceber-lhe as sensações, as emoções, os pensamentos e transmiti-los de acordo com sua livre vontade, deixando ou não envolver-se por essa nova personalidade.

É aí que reside o ponto nevrálgico da questão: ou nos deixamos arrastar pura e simplesmente, ou reagimos tentando impor nossa vontade. Se agirmos como na primeira hipótese, corremos o risco de sermos obsidiados facilmente. Se agirmos como na segunda hipótese, podemos passar uma vida inteira sem desenvolvermos a faculdade.

Como se vê, a educação mediúnica, por meio do conhecimento e das práticas ordenadas, exige um comportamento equidistante das duas situações e ensina o médium a manter-se em posição de equilíbrio e vigilância, sem que esta se transforme em refratariedade, passando a ter condições de controlar o fenômeno.

O médium saberá então quando e como uma mensagem é conveniente ou causadora de confusão e mal-estar, e terá o bom senso de analisar o que vai filtrar ou está filtrando.

Necessidade de sintonia vibratória – Diz Martins Peralva, no estudo que fez sobre a obra "Nos Domínios da Mediunidade", de André Luiz: "Para que um Espírito se comunique é mister se estabeleça a sintonia da mente encarnada com a desencarnada. Essa realidade é pacífica. É necessário que ambos passem a emitir vibrações equivalentes; que o teor das circunvoluções seja idêntico; que o pensamento e a vontade de ambos se graduem na mesma faixa". ⁽⁶⁷⁾

Martins Peralva reproduz em seguida, da obra de Léon Denis, a lição que se segue:

"Admitamos, a exemplo de alguns sábios, que sejam de 1.000 por segundo as vibrações do cérebro humano. No estado de transe, ou de desprendimento, o invólucro fluídico do médium vibra com maior intensidade, e suas radiações atingem a cifra de 1.500 por segundo. Se o Espírito, livre no espaço, vibra à razão de 2.000 no mesmo lapso de tempo, ser-lhe-á possível, por uma materialização parcial, baixar esse número para 1.500. Os dois organismos vibram então simpaticamente; podem estabelecer-se relações, e o ditado do Espírito será percebido e transmitido pelo médium em transe sonambúlico". ⁽⁶⁸⁾

⁶⁷ "Estudando a Mediunidade", de Martins Peralva, cap. X, p. 57.

⁶⁸ Ibidem, cap. X, p. 62.

Compreende-se então que os Espíritos superiores baixam seu teor vibratório, aproximando-o do nosso, envolvendo-se com os fluidos grosseiros de nosso ambiente e tornando-se assim mais acessíveis. O médium em transe, por sua vez, se eleva mediante o preparo antecipado e o disciplinamento dos recursos mediúnicos, podendo dar-se, por conseguinte, a interação entre os dois psiquismos – o do desencarnado e o do médium – criando-se a condição essencial à comunicação, que é a sintonia.

De igual modo, o contrário pode também acontecer. Médiuns com boa capacidade vibratória poderão baixar suas vibrações para servirem de instrumento a entidades inferiores, a fim de que estas sejam esclarecidas e orientadas.

Concluída a tarefa, o médium retornará ao seu padrão vibratório normal, não lhe ficando sensações desagradáveis próprias do Espírito comunicante, mas sim o bem-estar de ter cumprido seu dever cristão.

Desenvolvimento da reunião mediúnica

SUMÁRIO: Manifestações do mentor espiritual. Comunicações mediúnicas simultâneas. Limites nas comunicações recebidas. Manifestações de enfermos espirituais. Consequências das dúvidas alimentadas pelos componentes do grupo durante a reunião. Objetivo do esclarecimento aos desencarnados.

Manifestações do mentor espiritual – Após a oração inicial, é conveniente aguardar a manifestação do mentor espiritual do grupo antes que ocorram as demais comunicações. A razão é óbvia: existem situações e problemas apenas visíveis ao dirigente espiritual e pode haver necessidade de que, dirigindo-se ao grupo, ele transmita orientações e esclarecimentos relacionados com o assunto. André Luiz diz que esse entendimento, no início da sessão, "é indispensável à harmonização dos agentes e fatores de serviço, ainda mesmo que o mentor se utilize do medianoiro tão só para uma simples oração". (69)

Terminada a manifestação inicial do mentor espiritual, o dirigente do grupo poderá propor-lhe perguntas que sejam oportunas e pertinentes à boa condução da reunião, tais como: alguém que deseja acesso à reunião, a localização mais adequada para as visitas que venham a ocorrer, a ministração de socorro a esse ou àquele companheiro, o pedido de cooperação em casos imprevistos e assuntos semelhantes.

⁶⁹ "Desobsessão", cap. 30.

Em determinadas ocasiões, o dirigente do grupo poderá recorrer à intervenção do mentor espiritual para que este, por intermédio do médium responsável, auxilie no esclarecimento de entidades que se mostrem em condições de quase absoluto empedernimento ou desequilíbrio, com vistas a evitar desarmonia maior.

No final da reunião, concluídas todas as tarefas, o dirigente perguntará ao médium indicado se o mentor espiritual ou algum outro instrutor desencarnado deseja transmitir alguma mensagem. Se o orientador espiritual não deseja manifestar-se, o médium avisará o dirigente, para que ele profira a prece final e encerre a reunião.

Comunicações simultâneas – Os médiuns psicofônicos, mesmo se pressionados por entidades em aflição, cujas dores lhes percutem nas fibras mais íntimas, educar-se-ão adequadamente para apenas darem passividade quando o clima da reunião lhes permita o concurso.

É desaconselhável se verifique o esclarecimento simultâneo **a mais de** duas entidades carecentes de auxílio ⁽⁷⁰⁾, para que a ordem seja assegurada.

⁷⁰ As comunicações simultâneas, longe de constituir um problema, apresentam duas vantagens importantes. A primeira é duplicar o número de comunicações na reunião. Além disso, se forem dispostos convenientemente na sala de reuniões, os médiuns psicofônicos terão sua tarefa facilitada. Digamos que os médiuns A e B são colocados numa das pontas da mesa, ao lado do primeiro esclarecedor, situando-se os médiuns C e D na ponta oposta, ao lado do segundo esclarecedor. Quando o médium A dá passividade, o B permanece calado e coopera mentalmente no esclarecimento. Encerrada a comunicação, o médium B dá passividade e o médium A se retrai, verificando-se o mesmo processo na outra ponta, com o revezamento entre os médiuns C e D.

Ainda quando o sensitivo seja inconsciente – faculdades assinaladas por avançado sonambulismo – ele pode e deve exercitar o autodomínio, mediante a observação e o estudo. ⁽⁷¹⁾

Em se tratando de enfermos espirituais e Espíritos outros necessitados de ajuda, cada médium somente deve admitir duas passividades por reunião, evitando com isso maior dispêndio de energia.

Ele evitará também a recepção de comunicações sucessivas ou encadeadas, que são inconvenientes sob vários aspectos.⁽⁷²⁾ Contudo, embora tenha cumprido seu papel como médium psicofônico na reunião, ele não pode alhear-se da equipe, ciente de que dentro dela assemelha-se a um órgão no corpo, necessário ao equilíbrio do conjunto.

Manifestações de enfermos espirituais – As manifestações de enfermos espirituais devem ir, nas reuniões de desobsessão, até o limite de 90 minutos, na totalidade delas, para que a reunião perdue no máximo duas horas, excluída a leitura inicial. ⁽⁷³⁾

Ensina André Luiz que o Espírito desencarnado em condição de desequilíbrio e sofrimento utiliza o médium com as deficiências e angústias de que é portador, exigindo assim a conjugação de bondade e segurança, humildade e vigilância no companheiro que lhe dirige a palavra. Em vista disso, é preciso que vejamos no visitante um doente, para quem cada frase precisa ser medicamento e bálsamo. Evidente que não é possível concordar

⁷¹ "Desobsessão", cap. 39.

⁷² "Desobsessão", cap. 40.

⁷³ Ibidem, cap. 57.

com todas as exigências que faça, mas não é justo reclamar-lhe entendimento normal de que talvez se ache ainda longe de possuir. Cada Espírito sofredor é qual se fosse um familiar querido. Se o tratarmos assim, acertaremos a porta íntima através da qual lhe falaremos ao coração. ⁽⁷⁴⁾

No curso da reunião, os esclarecedores não devem constranger os médiuns psicofônicos a receberem os desencarnados presentes, com ordens e sugestões nesse sentido, atentos ao preceito de espontaneidade, fator essencial ao êxito do intercâmbio.

Os Espíritos sofredores poderão exprimir-se pelos médiuns psicofônicos, tanto quanto possível, em matéria de desinibição ou desabafo, desde que a integridade dos médiuns e a dignidade do recinto sejam respeitadas.

Os médiuns e componentes do grupo sustentarão o máximo cuidado para não prejudicarem as atividades espirituais que lhes competem, evitando alimentar dúvidas e atitudes suspeitosas, inconciliáveis com a obra de caridade que se dispõem a prestar. André Luiz diz que tais atitudes "muitas vezes põem a perder excelentes serviços de desobsessão, por favorecerem a intromissão de Inteligências perversas".⁽⁷⁵⁾

Diz-nos André Luiz que "o esclarecimento aos desencarnados sofredores é semelhante à psicoterapia e que a reunião é tratamento em grupo, cabendo-lhes, quando e quanto possível, a aplicação dos métodos evangélicos".⁽⁷⁶⁾

A parte essencial no entendimento, esclarece André, é atingir o centro de interesse do Espírito preso a ideias

⁷⁴ Ibid., cap. 32

⁷⁵ "Desobsessão", cap. 34.

⁷⁶ Ibidem, cap. 34.

fixas, para que se lhe descongestione o campo mental. Assim, todo e qualquer discurso ou divagação são incabíveis e desnecessários. "Desobsessão não se realiza sem a luz do raciocínio, mas não atinge os fins a que se propõe sem as fontes profundas do sentimento." ⁽⁷⁷⁾

Há médiuns psicofônicos para quem os Instrutores espirituais designam determinados tipos de manifestantes que lhes correspondam às tendências, caracteres, formação moral e cultural, especializando-lhes as possibilidades mediúnicas. Não confundir isso com animismo ou mistificações inconscientes.

Se o Espírito provoca elementos do grupo, citando-os de forma nominal, o dirigente tomará as providências necessárias para que sejam evitadas conversações marginais, sem nenhum interesse para o esclarecimento.

⁷⁷ Ibid., cap. 36.

Comportamento dos médiuns na reunião

SUMÁRIO: Cooperação mental. Atitude dos médiuns e do doutrinador para com os comunicantes. Problemas imprevistos. Embaraços eventuais a que não se pode dar atenção. Educação mediúnica. Atitudes inconvenientes que é preciso evitar. Ministração de passe magnético nos componentes da equipe.

Cooperação mental – No momento do esclarecimento oferecido ao sofredor desencarnado, todos devem manter harmoniosa união de pensamentos que sirvam de apoio às afirmativas do esclarecedor, sem ideias de crítica, censura, ironia ou escândalo. A posição de quem esclarece e dos componentes do grupo deve ser semelhante à de quem socorre um familiar querido, para que o comunicante encontre apoio real no socorro que lhe é ministrado.

Sem o concurso mental da equipe inteira, o serviço enfrentará perturbações inevitáveis. Assim, cabe ao dirigente apelar aos companheiros para que deem sua cooperação mental, ativando o ânimo dos que se encontrem na reunião desatentos ou entorpecidos.

Atitude dos médiuns – O médium e o esclarecedor não podem esquecer que o Espírito perturbado se encontra, para eles, na situação de um doente ante o enfermeiro. O médium é o enfermeiro convocado a controlar

o doente, quanto lhe seja possível, impedindo a estas manifestações tumultuárias e palavras obscenas.

O médium deve entender que ele não se acha dentro da reunião na condição de um fantoche, manobrado integralmente ao sabor dos Espíritos, mas sim na posição de intérprete e enfermeiro, capaz de auxiliar, até certo ponto, na contenção e reeducação dos Espíritos rebeldes que recalçam no mal.

Ainda quando seja absolutamente sonâmbulo – o chamado médium inconsciente –, semidesligado de seus implementos físicos dispõe o médium de recursos para governar os sentidos corpóreos de que o Espírito comunicante se utiliza, capacitando-se, por isso, com o auxílio dos instrutores espirituais, a controlar devidamente as manifestações. Assevera André Luiz: "Não se diga que isso é impossível. Desobsessão é obra de reequilíbrio, refazimento, nunca de agitação e teatralidade". (78)

O mesmo instrutor lembra que, nesse sentido, há médium de incorporação normal e médium de incorporação ainda obsidiado. Neste caso, ele necessita de socorro espiritual, por meio de esclarecimento, emparelhando-se com as entidades perturbadas carecentes de auxílio.

André reconhece, porém, que há situações em que o médium psicofônico não pode governar todos os impulsos destrambelhados da entidade desencarnada, como nem sempre o enfermeiro consegue impedir todas as extravagâncias da pessoa acamada; contudo, mesmo nessas ocasiões especiais, o médium integrado em suas responsabilidades "dispõe de recursos para cooperar no socorro espiritual em andamento, reduzindo as inconveniências ao mínimo". (79)

⁷⁸ "Desobsessão", cap. 43.

⁷⁹ Ibidem, cap. 43.

Problemas imprevistos – O grupo deve contar com imprevistos. Existem aqueles de natureza externa a que não se pode dar atenção, quais sejam: chamamentos inoportunos de pessoas incapacitadas para compreender a gravidade do trabalho socorrista que a desobsessão desenvolve; batidas à porta já fechada por irmãos do grupo, retardatários, ainda não afeitos à disciplina; ruídos festivos da vizinhança e barulhos produzidos por animais, viaturas etc.

Podem ocorrer, porém, embaraços no campo interno da reunião, dentre os quais se destacam a luz apagada de chofre ou o mal-estar súbito de alguém. Nesses casos, o dirigente tomará providências imediatas para que os problemas sejam corretamente atendidos.

Como ocorre em qualquer lugar, na desobsessão o mal-estar é suscetível de sobrevir num médium ou num dos colaboradores em ação, principalmente no que tange a uma crise orgânica imprevista. Verificado o incidente, a pessoa necessitada de assistência permanecerá fora do círculo em atividade, recolhendo o amparo espiritual do ambiente, quando o mal-estar não recomende seu recolhimento imediato em casa ou em estabelecimento especializado.

Educação mediúnica – O médium deve evitar, quando se ache sob a influência ou presença dos desencarnados em desequilíbrio, as posições de desmazelo, controlando as expressões verbais e frustrando a produção de gritos, a derrubada de móveis e objetos e a enunciação de palavras torpes.

Sempre é útil lembrar que o recinto da desobsessão é comparável à intimidade de um hospital e que o médium psicofônico não se encontra à revelia das manifes-

tações menos felizes que venham a ocorrer. Os benfeitores espirituais estão a postos, na reunião, sustentando a harmonia da casa, e resguardarão as forças de todos os médiuns para que se desincumbam com dignidade das obrigações que lhes assistem.

Atitude absolutamente desaconselhável é a de permitir que comunicantes enfermos ensaiem qualquer impulso de agressão. Constitui dever inadiável impedir que os Espíritos doentes subvertam a ordem com pancadas e ruídos, que os médiuns psicofônicos conseguem facilmente frustrar.

Os médiuns psicofônicos devem evitar a todo o custo, em qualquer período da reunião, vergar a cabeça sobre os braços. Tal atitude favorece o sono, desarticula a cooperação mental e propicia ensejo a fácil hipnose por parte dos enfermos desencarnados.

André Luiz recomenda expressamente que, no momento das radiações, sejam ministrados passes magnéticos a todos os componentes do grupo de desobsessão, sejam médiuns ou não. A razão é óbvia: o serviço de desobsessão pede energias de todos os presentes e os instrutores espirituais estão prontos a repor os dispêndios de força havidos. Fora desse caso, os médiuns passistas atenderão os companheiros necessitados de auxílio tão somente nos casos de exceção, de modo a não favorecerem caprichos e indisciplinas. ⁽⁸⁰⁾

⁸⁰ "Desobsessão", cap. 52.

Identificação dos Espíritos comunicantes

SUMÁRIO: A questão da identidade. Como identificar o Espírito comunicante. A necessidade de examinar atentamente as comunicações recebidas. Verificação da identidade pelas sensações. O uso da vidência na identificação dos comunicantes. A identificação do Espírito pelo conteúdo da comunicação.

A questão da identidade – No tocante à identificação dos Espíritos que se comunicam nas reuniões de desobsessão e atendimento a sofredores, o que deve interessar é o problema da entidade em si, o seu esclarecimento, a sua consolação. Não há, obviamente, nenhuma necessidade de que levantemos seus dados biográficos.

Vivendo problemas angustiantes e estando confusos quanto à noção de tempo e de espaço, a que estavam condicionados na Terra, muitos deles nem sabem realmente quem são. Quando, porém, espontaneamente dão informações sobre sua personalidade, seria interessante, para efeito de estudo, procurar confirmá-las, se houver essa possibilidade.

O médium iniciante não deve preocupar-se se não possui a mínima intuição a respeito da identidade do Espírito comunicante. Só o tempo e o treinamento lhe darão a capacidade de identificar perfeitamente as entidades que por ele se manifestam. Não devemos perder tempo fazendo inquirições aos Espíritos apenas para satisfazer uma curiosidade. É falta de caridade obrigá-los

a revelar-se quando preferem permanecer no anonimato.

Quando se trata de uma entidade que procura dar orientações, o nome que usa é secundário e pouco deve influir na aceitação ou não da mensagem. O conteúdo será sempre o elemento primordial. Se se trata de uma personagem conhecida e famosa, mais cuidado ainda deveremos ter, porque, se ela espontaneamente dita seu nome, deve fornecer dados que lhe sirvam de identificação.

Quando se dá a comunicação por meio de um médium seguro, com possibilidade de filtrar bem as características do Espírito, pode haver um impacto na opinião geral e no seio de seus familiares, que poderão confirmar se a mensagem é de seu parente desencarnado. Foi o que ocorreu com Humberto de Campos, que deu sobejas provas de sua identidade, levando sua esposa a mover um processo contra a Federação Espírita Brasileira e o médium Chico Xavier, o qual ficou conhecido como "O caso Humberto de Campos". Como resultado do processo é que Humberto de Campos passou a utilizar, a partir de então, o pseudônimo Irmão X na assinatura das obras por ele escritas por intermédio de Chico Xavier. ⁽⁸¹⁾

Como identificar o Espírito comunicante – Kardec dedicou o cap. XXIV, 2ª parte, itens 255 a 268 d' *O Livro dos Médiuns*, ao trato da identidade dos Espíritos.

Eis um resumo do que o Codificador escreveu sobre o assunto:

⁸¹ "Testemunhos de Chico Xavier", de Suely Caldas Schubert, págs. 42 e 356.

a) depois da obsessão, a questão da identidade dos Espíritos é uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático;

b) muitos Espíritos superiores que se podem comunicar não possuem um nome para nós;

c) a identidade se torna mais fácil quando se trata de Espíritos contemporâneos;

d) as provas da identidade surgem naturalmente;

e) a semelhança da caligrafia e da assinatura é uma prova relativa;

f) a melhor prova de identidade está na linguagem e nas circunstâncias, mas não na forma da linguagem e sim no seu conteúdo, pois jamais a ignorância imitará o verdadeiro saber e jamais o vício imitará a verdadeira virtude: sempre em algum lugar aparecerá o sinal da impostura;

g) a identidade dos Espíritos pode ser considerada uma questão acessória, mas a distinção entre bons e maus Espíritos não o é;

h) julgamos os Espíritos pelo conteúdo de sua linguagem: tudo o que, na sua linguagem, revela falta de bondade ou benevolência não pode vir de um bom Espírito;

i) inteligência não é sinal certo de superioridade, porque a inteligência e a moral nem sempre caminham juntas;

j) os sinais dos Espíritos elevados são a superioridade de suas ideias e de sua linguagem.

Kardec recomenda-nos que devemos submeter todas as comunicações a uma análise escrupulosa, examinando atentamente o pensamento e as expressões e rejeitando, sem hesitar, tudo o que peca contra a lógica e o bom senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito

que se pretende passar por uma entidade elevada. Afirma o Codificador: "Repetimos que este meio é o único, porém é infalível, porque não existe uma comunicação má que possa resistir a uma crítica rigorosa". ⁽⁸²⁾

Na mesma obra, o Codificador arrola 26 princípios fundamentais para se reconhecer a qualidade dos Espíritos comunicantes, princípios esses que médiuns e dirigentes de grupos mediúnicos deveriam ter sempre presentes em seus estudos. ⁽⁸³⁾

Como dissemos anteriormente, nem sempre é importante identificar os Espíritos que se comunicam nas sessões. Quando estamos em uma reunião de desobsessão ou de esclarecimento a desencarnados, quase sempre não há necessidade de levantar-se a identidade do Espírito sofredor, que, na maioria das vezes, encontra-se em estado de grande perturbação espiritual. Por isso, é reprovável em tais casos a prática de se pedir a eles o nome, tanto quanto outros pormenores para sua identificação.

As entidades espirituais que habitualmente se comunicam conosco acabam por tornar-se conhecidas e queridas, a ponto de serem consideradas membros da equipe. Quando se manifestam, são reconhecidas pelo seu modo de falar, pelo estilo e pelo conteúdo da mensagem. Se se comunicam por outros médiuns, podem sofrer a influência do clima mental do intermediário. A interferência do médium na comunicação é muito grande. A filtragem mediúnica pode processar-se, dependendo do médium, com maior ou menor autenticidade, tendo em vista a diversidade de aptidões e recursos que os médiuns apresentam.

⁸² "O Livro dos Médiuns", cap. XXIV, item 266.

⁸³ Ibidem, cap. XXIV, item 267.

Verificação da identidade pelas sensações – De um modo geral podemos distinguir, graças à sensibilidade mediúnica, o grau de evolução das entidades desencarnadas, que nos passam sensações agradáveis ou desagradáveis, conforme já estudado anteriormente.

Kardec ensina: "Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus Espíritos pela impressão agradável ou penosa que experimentam à sua aproximação". E transcreve, sobre isso, a seguinte instrução dos Espíritos: "Quando o Espírito é feliz, seu estado é tranquilo, leve, calmo; quando é infeliz, é agitado, febril, e esta agitação passa naturalmente para o sistema nervoso do médium". ⁽⁸⁴⁾

Se a visita do Espírito ao grupo se repete, isso nos dá condições de, com o tempo e a prática, identificá-lo pelas sensações que causa à sua aproximação.

Identificação pela vidência – Outro recurso de identificação dos Espíritos é a vidência, mas ela é de uso bastante restrito e delicado, porque cada médium vidente vê de acordo com sua própria capacidade de exteriorização perispiritual e sintonia vibratória.

Pode ocorrer que dois bons e autênticos videntes, em um mesmo local e ambiente, percebam situações diferentes. Assim, um não poderá confirmar o que o outro registra.

A vidência é, sem dúvida, um recurso valioso na identificação dos desencarnados, mas depende muito do médium, de sua segurança e equilíbrio. Não podemos, portanto, basear-nos tão somente nesse recurso para concluir quanto à identidade do desencarnado.

⁸⁴ "O Livro dos Médiuns", cap. XXIV, item 268, pergunta 28.

O médium vidente pode e deve participar das sessões mediúnicas, mas sua função não pode ser a de repórter do Além, como se ele tivesse a obrigação de nos estar informando, constantemente, a respeito do que se passa no mundo espiritual. A informação do vidente é, pois, relativa e deve ser verificada, analisada e comparada com outros fatores auxiliares e importantes na identificação dos Espíritos, como o conteúdo da mensagem, as sensações causadas nos médiuns, a oportunidade da presença do Espírito indicado etc.

Identificação pelo conteúdo da mensagem – Os Espíritos sempre revelam sua condição espiritual pelo que dizem e como dizem, descontando-se aí as influências do médium de que se utilizam.

As entidades elevadas são simples e objetivas. ⁽⁸⁵⁾ A beleza do estilo sempre ornamenta ideias vigorosas e esclarecedoras. Não se preocupam em tomar nomes importantes. Os Espíritos atrasados, principalmente os que gostam de mistificar, usam e abusam do processo de enganar, por meio de comunicações cheias de palavras difíceis, amontoadas em frases brilhantes, mas de sentido vazio e às vezes contraditório.

Devemos compreender que uma ou outra entidade de nome conhecido na Terra poderá identificar-se, mas para isso não basta seu nome, é preciso que o Espírito dê elementos probantes de que é a personagem designada. Se

⁸⁵ Ainda quando se manifestam como “pretos-velhos” ou “índios”, com a linguagem e os trejeitos característicos, os Espíritos realmente elevados transmitem lições magníficas, posto que singelas. Veja a respeito o caso Emerenciana em “Loucura e Obsessão”, cap. 8 e seguintes, obra de Manoel Philomeno de Miranda, psicografada por Divaldo P. Franco.

isso lhe for difícil, ele será o primeiro a buscar o anonimato ou o uso de um pseudônimo qualquer.

A questão da mistificação e suas causas

SUMÁRIO: Conceito de mistificação nas manifestações espíritas. Por que é permitida a mistificação nas sessões espíritas. Diferença entre mistificação e animismo. Ação dos mentores nos casos de mistificação. Meios de evitar a mistificação.

Conceito de mistificação – Mistificação é engano, logro, burla, abuso da credulidade de alguém. A prática espírita não está livre da mistificação, porquanto aprendemos, com o estudo da escala espírita, que existem Espíritos levianos, "ignorantes, maliciosos, irrefletidos e zombeteiros", que se metem em tudo e a tudo respondem sem se importarem com a verdade. "Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de intrigar, de induzir maldosamente em erro, por meio de mistificações e de espertezas." ⁽⁸⁶⁾

Tais Espíritos podem estar desencarnados ou encarnados, o que quer dizer que a mistificação pode ser proveniente do médium, o que é, porém, muito raro no meio espírita sério.

Kardec ensina que a mistificação é fácil de evitar. Basta, para isso, não exigir do Espiritismo senão o que ele pode e deve dar, que é a melhoria moral da Humanidade. "Se vocês não se afastarem daí, não serão jamais enganados", afirma o Espírito de Verdade, que no mesmo passo esclarece: "Os Espíritos vêm instruí-los e

⁸⁶ "O Livro dos Espíritos", questão nº 103.

guiá-los no caminho do bem e não no caminho das honras e da fortuna, ou para servirem suas mesquinhas paixões. Se não lhes pedissem jamais nada de fútil ou fora de suas atribuições, não dariam oportunidade alguma aos Espíritos enganadores; donde vocês devem concluir que quem é mistificado tem apenas o que merece". (87)

Na mesma obra e no mesmo item, o Espírito de Verdade diz que "Deus permite as mistificações para provar a perseverança dos verdadeiros adeptos e punir os que fazem do Espiritismo um objeto de divertimento". (88)

Emmanuel diz que a mistificação experimentada por um médium traz sempre uma finalidade útil, que é a de afastá-lo do amor-próprio, da preguiça no estudo de suas necessidades próprias, da vaidade pessoal ou dos excessos de confiança em si mesmo, razão pela qual não ocorre à revelia dos seus mentores mais elevados, que, somente assim, o conduzem à vigilância precisa e às realizações da humildade e da prudência no seu mundo subjetivo. (89)

Quem renuncia ao Espiritismo por causa de um simples desapontamento, como a ocorrência de uma mistificação, prova que não o compreende e que não o toma em sua parte séria. (90) Esses indivíduos mostram, agindo assim, que jamais foram espíritas convictos; são, em verdade, quais crianças que o vento leva à primeira dificuldade.

Kardec, comentando o assunto, ensina que um dos meios mais frequentes que os Espíritos usam, para lograr-nos, é estimular nossa cupidez e nosso interesse por fortunas ou facilidades materiais.

⁸⁷ "O Livro dos Médiuns", cap. XXVII, item 303, 1ª pergunta.

⁸⁸ Ibidem, cap. XXVII, item 303, 2ª pergunta.

⁸⁹ "O Consolador", questão nº 401.

⁹⁰ "O Livro dos Médiuns", cap. XXVII, item 303, 2ª pergunta.

Devemos, também, ficar alerta quanto às predições de data certa e evitar qualquer providência prescrita ou sugerida pelos Espíritos quando o objetivo não for evidentemente racional. Não nos deixemos deslumbrar pelos nomes que tomam os Espíritos para darem uma aparência de verdade a suas palavras e desconfiemos "de teorias e sistemas científicos arriscados" e "de tudo o que se afastar do objetivo moral das manifestações". (91)

Não devemos confundir mistificação com animismo. O animismo é fenômeno produzido pela própria alma do médium, que nem sempre tem consciência do que ocorre. (92)

A mistificação pressupõe mentira, engodo, trapaça, e pode ocorrer, como vimos, com o conhecimento dos mentores espirituais, como se deu na própria Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas quando um Espírito enganador usou o nome de São Luís, dirigente espiritual da Sociedade, estando este presente. (93) É que nada ocorre por acaso. Afirma Divaldo P. Franco que o melhor médium é aquele que, simpatizando somente com os bons Espíritos, raramente é enganado. "As falsas comunicações, que de tempos a tempos ele recebe, são avisos para que não se considere infalível e não se ensoberbeça." (94)

⁹¹ "O Livro dos Médiuns", cap. XXVII, "Observação" de Kardec posta depois da 2ª pergunta do item 303.

⁹² Leia, acerca do tema animismo, o livro "Médium: Quem é, quem não é", de Demétrio Pável Bastos, cap. XX e XXI.

⁹³ "Revista Espírita", ano de 1860, pág. 172.

⁹⁴ "Moldando o Terceiro Milênio", cap. 7, pág. 62.

Meios de evitar a mistificação – Além do que já foi dito, Allan Kardec nos fornece seguras orientações a respeito desse assunto no item 268 d' *O Livro dos Médiuns*, do qual extraímos os seguintes apontamentos:

a) entre os Espíritos, poucos há que têm um nome conhecido na Terra; por isso é que, na maioria das vezes, eles nenhum nome declinam;

b) como os homens, quase sempre, querem saber o nome do comunicante, para os satisfazer o Espírito elevado pode tomar o de alguém que é reverenciado na Terra. Não quer isso dizer que se trata, nesse caso, de uma mistificação ou uma fraude. Seria sim, se o fizesse para nos enganar, mas, quando é para o bem, Deus permite que assim procedam os Espíritos da mesma categoria, porque há entre eles solidariedade e analogia de pensamentos. Ocorre ainda que muitas vezes o Espírito evocado não pode vir, e ele envia então um mandatário, que o representará na reunião;

c) quando Espíritos de baixo padrão moral adotam nomes respeitáveis para nos induzirem ao erro, não é com a permissão dos Espíritos indevidamente nomeados que eles procedem. Os enganadores serão punidos por essa falta. Fique certo, todavia, que, se não fôssemos imperfeitos, não teríamos em torno de nós senão bons Espíritos. Se somos enganados, só de nós mesmos nos devemos queixar;

d) existem pessoas pelas quais os Espíritos superiores se interessam e, quando eles julgam conveniente, as preservam dos ataques da mentira. Contra essas pessoas os enganadores nada podem. Os bons Espíritos se interessam pelos que usam criteriosamente a faculdade de discernir e trabalham seriamente por melhorar-se. Dão a esses suas preferências e os secundam;

e) os Espíritos superiores nenhum outro sinal têm, para se fazerem reconhecer, além da superioridade das suas ideias e da sua linguagem. Os sinais materiais podem ser facilmente imitados. Já os Espíritos inferiores se traem de tantos modos, que seria preciso ser cego para deixar-se iludir. Os Espíritos só enganam os que se deixam enganar;

f) há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que apreciam mais as palavras do que as ideias e que, muitas vezes, tomam ideias falsas e vulgares como sublimes. Como podem essas pessoas, que não estão aptas a julgar as obras dos homens, julgar as dos Espíritos?;

g) quando as pessoas são bastante modestas para reconhecerem a sua incapacidade, não se fiam apenas em si; quando, por orgulho, se julgam mais capazes do que o são, trazem consigo a pena da vaidade tola que alimentam. Os mistificadores sabem perfeitamente a quem se dirigem. Há pessoas simples e pouco instruídas mais difíceis de enganar do que outras que têm finura e saber. Lisonjeando-lhe as paixões, fazem eles do homem o que querem.

A obsessão e suas modalidades

SUMÁRIO: Escolhos da prática mediúnica. Conceito de obsessão. Suspensão da faculdade mediúnica. Como reconhecer a obsessão. Variedades de obsessão. A obsessão simples. Fascinação. Subjugação. Importância do magnetismo no tratamento da subjugação.

Os escolhos da prática mediúnica – A obsessão é um dos maiores escolhos da prática da mediunidade. Quem o diz é o próprio Codificador do Espiritismo, que assim a conceitua: “Chama-se obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo”.⁽⁹⁵⁾

A obsessão apresenta caracteres muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. “Ela oblitera todas as faculdades mediúnicas”, ensina Kardec.⁽⁹⁶⁾

Todos nós estamos sujeitos à obsessão e, evidentemente, o médium não escapa à regra geral. Competenos, no entanto, resistir à influência negativa daqueles que se voltaram para o mal.⁽⁹⁷⁾

⁹⁵ “A Gênese”, cap. XIV, item 45.

⁹⁶ Ibidem, cap. XIV, item 45.

⁹⁷ Os chamados “encostos” não se enquadram, tecnicamente falando, no conceito de obsessão. Cairbar Schutel refere-se a isso em seu livro “A Vida no Outro Mundo”, pág. 89.

A presença do obsessor nem sempre é notada, mas sua ação se revela pelos resultados de sua influência sobre a mente da criatura que ele obsidia. Por um fenômeno telepático, o obsessor pode, mesmo à distância, acionar os mecanismos que deseja, como procede um operador de rádio.

Claro que, para isso ocorrer, obsessor e médium devem estar vinculados pelo passado ou encontrar-se numa mesma faixa vibratória, que os identifica. Devido a isso cresce a importância da renovação espiritual do médium como fator preponderante na solução do problema. Não existindo outro meio mais efetivo, o médium pode ter suspensa sua faculdade mediúnica, para que, pelo menos em parte, fique protegido da ação perniciosa dos obsessores e se evite seja causa de ilusão e desencaminhamento de pessoas que chegam ao Centro Espírita em busca de consolo e orientação.

A suspensão da faculdade mediúnica deve, assim, ser considerada um sinal benéfico e um ato de caridade por parte dos mentores espirituais. Dependendo da recuperação moral do médium e de sua disposição em cumprir adequadamente sua tarefa, a suspensão poderá ser temporária ou definitiva.

A respeito do assunto ensina Emmanuel: "Os atributos medianímicos são como os talentos do Evangelho. Se o patrimônio divino é desviado de seus fins, o mau servo torna-se indigno de confiança do Senhor da seara da verdade e do amor. Multiplicados no bem, os talentos mediúnicos crescerão para Jesus, sob as bênçãos divinas; todavia, se sofrem o insulto do egoísmo, do orgulho, da vaidade ou da exploração inferior, podem deixar o intermediário do invisível entre as sombras pesadas do esta-

cionamento, nas mais dolorosas perspectivas de expiação, em vista do acréscimo de seus débitos irrefletidos".
(98)

Como reconhecer a obsessão – Quando examina este assunto, Emmanuel assevera que a "obsessão é sempre uma prova, nunca um acontecimento eventual" e que a cura depende fundamentalmente da colaboração do encarnado, "visto requisitar os valores do seu sentimento e da sua boa vontade, sem o que a cura psíquica se torna inexecutável". (99)

No caso específico da obsessão em médiuns, Allan Kardec ensina: "Reconhece-se a obsessão pelas seguintes características: 1ª – Persistência de um Espírito em se comunicar, bom ou mau grado, pela escrita, pela audição, pela tiptologia etc., opondo-se a que outros Espíritos o façam; 2ª – Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe; 3ª – Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas ou absurdas; 4ª – Confiança do médium nos elogios que lhe dispensam os Espíritos que por ele se comunicam; 5ª – Disposição para se afastar das pessoas que podem emitir opiniões aproveitáveis; 6ª – Tomar a mal a crítica das comunicações que recebe; 7ª – Necessidade incessante e inoportuna de escrever; 8ª – Constrangimento físico qualquer, dominando-lhe a vontade e forçando-o a agir ou falar a seu mau grado; 9ª – Rumores e desordens persistentes ao redor do médium, sendo ele de tudo a causa ou o objeto". (100)

98 "O Consolador", questão nº 389.

99 "O Consolador", questões nºs 393 e 394.

100 "O Livro dos Médiuns", cap. XXIII, item 243.

Formas de obsessão – A obsessão apresenta três variedades ou formas bem definidas: ⁽¹⁰¹⁾

1ª. *Obsessão simples*: a entidade desencarnada de índole má procura, por meio de sua persistência e tenacidade, intrometer-se na vida do obsidiado, dando-lhe as mais estranhas sugestões que, na maior parte das vezes, contrariam sua forma habitual de proceder e pensar. O indivíduo percebe com facilidade que está sob uma influência estranha, desde que faça autoanálise criteriosa. E, mantendo a vigilância e uma conduta cristã, não oferecerá ao obsessor campo mental favorável às suas investidas. Uma vida em clima de elevação, a boa leitura, a prece, o convívio com pessoas sérias e honestas, em ambientes em que se pratica o bem, eis o preservativo contra a obsessão simples;

2ª. *Fascinação*: esta é a forma de obsessão mais difícil de ser tratada com êxito, porque geralmente o fascinado se nega a receber orientação e tratamento, visto que não percebe o problema e até acha que os outros é que se encontram obsidiados. Na fascinação, o obsessor age, a princípio, discretamente e depois vai tomando lugar pouco a pouco, até dominar inteiramente o obsidiado, formando então uma espécie de simbiose psíquica. Valendo-se de nomes de Espíritos de escol, o obsessor induz o médium a julgar-se orientado por uma entidade espiritual de grande envergadura moral. Crê em tudo que o Espírito lhe diz. Magoa-se, irrita-se e se afasta ante qualquer crítica feita sobre o conteúdo das comunicações que recebe. O melindre e a vaidade acabam tornando-o presa fácil dos obsessores, o que dificulta o tratamento;

3ª. *Subjugação*: quando o obsidiado se encontra sob o domínio completo de uma entidade desencarnada, diz-se que ele está subjugado. O diagnóstico dessa forma de

¹⁰¹ Ibidem, cap. XXIII, itens 238 a 240.

obsessão é fácil, mas a cura exigirá a melhoria moral do médium e o arrependimento do Espírito, por meio do esclarecimento e da doutrinação a ele dirigidos por quem tenha superioridade moral. Em casos assim, ensina Kardec, a ação magnética é também fundamental, para desfazer-se o "manto fluídico" que envolve o obsidiado. Na subjugação, o que ocorre é a supremacia da vontade, que domina por completo a vontade do médium. Nesse estado, este realizará coisas que jamais faria, porque obedece a uma vontade que lhe é estranha, não à sua própria vontade.

O tratamento espírita da obsessão

SUMÁRIO: Espiritismo e desobsessão. Importância da participação do obsidiado na sua própria cura. A renovação moral como a principal terapêutica nos casos de obsessão. Raízes espirituais do processo obsessivo. Recursos utilizados no tratamento da obsessão.

Espiritismo e desobsessão – Assevera Emmanuel: "O tratamento das obsessões (...) não é trabalho excêntrico, em nossos círculos de fé renovadora. Constitui simplesmente a continuidade do esforço de salvação aos transviados de todos os matizes, começado nas luminosas mãos de Jesus". ⁽¹⁰²⁾

Amélia Rodrigues comenta, em conhecida obra psicografada por Divaldo P. Franco, o curioso episódio evangélico em que Jesus explica a seus discípulos por que não conseguiram eles "expulsar o espírito imundo". Explicou-lhes o Mestre: "Esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum". "Diante, pois, deles, possessos ⁽¹⁰³⁾ e possesores – só a oração do amor infatigável e o jejum das paixões conseguem mitigar a

¹⁰² "Pão Nosso", cap. 175.

¹⁰³ O fenômeno da possessão, inicialmente rejeitado por Kardec, é minuciosamente examinado pelo Codificador em "A Gênese", cap. XIV, itens 47 a 49. Se na obsessão há sempre a ação de um Espírito malfeitor, na possessão – ensina Kardec – pode tratar-se de um bom Espírito que queira falar. Quando o agente da possessão é mau, o fenômeno se assemelha à subjugação. Veja também sobre o assunto a "Revista Espírita", ano de 1863, págs. 373 e seguintes.

sede em que se entredevoram, entregando-os aos trabalhadores da Obra de Nosso Pai, que, em toda parte, estão cooperando com o Amor, incessantemente." (104)

E o Nazareno concluiu: "Se amardes ao revés de de-testardes, se desejarde socorrer e não apenas os expulsardes, tudo fareis, pois que tudo quanto eu faço podeis fazê-lo, e muito mais, se o quiserdes..." (105)

O Espiritismo, dando continuidade à obra de Jesus, como Consolador prometido que é, reaviva as lições do Evangelho e nos fornece todos os recursos indispensáveis ao tratamento das obsessões, esclarecendo-nos sobre as causas desse processo e mostrando quanto é importante a participação do enfermo para o êxito do trabalho, como ensina Manoel Philomeno de Miranda: "No que diz respeito ao problema das obsessões espirituais, o paciente é, também, o agente da própria cura". (106)

Em apoio a essa ideia, Yvonne A. Pereira também diz que se o obsidiado "não procurar renovar-se diariamente, num trabalho perseverante de autodomínio ou autoeducação, progredindo em moral e edificação espiritual, jamais deixará de se sentir obsidiado, ainda que o seu primitivo obsessor se regenere". "Sua renovação moral, portanto, será a principal terapêutica, nos casos em que ele possa agir", conclui a notável médium brasileira. (107)

Tratamento da obsessão – Como vimos, o tratamento da obsessão, de uma forma geral, não dispensa a participação do obsidiado ou de pessoas a ele ligadas.

¹⁰⁴ "Primícias do Reino", cap. 11, págs. 119 e 120.

¹⁰⁵ Ibidem, cap. 11, pág. 121.

¹⁰⁶ "Grilhões Partidos", Prolusão, pág. 22.

¹⁰⁷ "Recordações da Mediunidade", cap. 10, pág. 211.

Como o processo tem sempre raízes espirituais, um dos primeiros cuidados será no sentido de que haja um entendimento sobre o que está ocorrendo, para que as medidas certas sejam tomadas. ⁽¹⁰⁸⁾

O tratamento mediúnico do caso deve ser feito por um grupo de médiuns, nunca por um só, isoladamente, e o local para isso deve ser o Centro Espírita, ou outro local especializado, como os hospitais psiquiátricos de orientação espírita.

A prática de leituras sadias, instrutivas, moralizantes; a frequência a reuniões de esclarecimento doutrinário; o tratamento por meio de passes; a realização de preces e de meditação sobre assuntos de interesse espiritual – eis os recursos necessários a serem movimentados pelo paciente e pelas pessoas a ele ligadas.

O ambiente do lar do obsidiado deve receber uma atenção especial. Os familiares devem fazer tudo o que estiver a seu alcance para torná-lo favorável à recuperação. O culto do Evangelho no lar é uma prática indispensável, porque propicia ao recinto doméstico o enriquecimento de elementos fluídicos e a sintonia das almas em torno dos ensinamentos de Jesus.

É preciso compreender que, conforme as causas determinantes do processo obsessivo, as melhoras podem dar-se em mais ou menos tempo. A paciência constitui, por causa disso, elemento importante no tratamento. Algumas vezes, não notando sinais externos de melhora,

¹⁰⁸ Em "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. XXVIII, na "Observação" posta ao final do item 84, Kardec ensina que a obsessão prolongada pode provocar desordens patológicas, exigindo por vezes um tratamento simultâneo ou consecutivo, seja magnético, seja médico, para o restabelecimento do organismo. Mesmo depois, quando já esteja afastada a causa, resta ainda combater seus efeitos.

devido à pressa, muitos o abandonam, caindo na descrença, ou procuram outros recursos que julgam ser mais rápidos. A perseverança é, pois, necessária para seguir pacientemente com o tratamento, na certeza de que a Bondade Divina atende todos de conformidade com o merecimento de cada um.

Além do passe e do esclarecimento do obsidiado, um dos recursos do combate à obsessão é a chamada sessão de desobsessão. Um grupo mediúnico bem orientado, sob a direção de um dirigente que possua autoridade moral para dirigir-se aos Espíritos obsessores, conhecedor do assunto e com facilidade para a doutrinação, age procurando orientar, ensinar, esclarecer o obsessor quanto aos males que está praticando e às consequências que isso poderá trazer à sua própria felicidade futura. ⁽¹⁰⁹⁾

Reconhecendo que a vítima de hoje foi o verdugo de ontem e que a lei do perdão liberta o que perdoa, mas não livra o algoz do pagamento de suas dívidas, compreendemos que a Lei de Deus é sábia e justa, e é isso que se passará, com bondade, ao desencarnado.

Enquanto se processam as reuniões de esclarecimento do obsessor, o obsidiado – que a elas evidentemente não comparecerá – deverá ser esclarecido quanto à necessidade de modificação dos seus padrões de comportamento, mormente no que diz respeito à sua vida moral, para que não venha a cair em novo processo obsessivo. ⁽¹¹⁰⁾

¹⁰⁹ Veja, a respeito da importância da doutrinação nos processos obsessivos, os casos relatados por Kardec na "Revista Espírita", ano de 1864, págs. 168 a 177 e págs. 225 a 231, e ano de 1866, págs. 38 a 42.

¹¹⁰ Com relação à impropriedade da participação de médiuns obsidiados nas reuniões mediúnicas realizadas por seus grupos, leia as advertências de Kardec em "O Livro dos Médiuns",

Apenas a persistência no bem possibilita que neutralizemos a influência dos maus Espíritos, como lembra Manoel Philomeno de Miranda, reiterando advertências feitas em outras obras de sua lavra: "Só a radical mudança de comportamento do obsidiado resolve, em definitivo, o problema da obsessão". ⁽¹¹¹⁾

Recursos utilizados no tratamento – De uma forma esquemática, estes são os recursos a que devemos recorrer para o tratamento espírita da obsessão:

1. *Conscientização do paciente.* Uma vez diagnosticado o problema obsessivo, é imperioso mostrar ao paciente a importância de sua participação no tratamento;

2. *Prece.* Ensinar à pessoa obsidiada a relevância do cultivo da prece, que, como ensina Kardec, "é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor" ⁽¹¹²⁾;

3. *Reforma íntima.* Deixar bem claro para o paciente que Ihe é indispensável destruir em si mesmo a causa que atrai os maus Espíritos e fazer tudo o que seja capaz de atrair a presença dos bons Espíritos ⁽¹¹³⁾;

4. *Renovação das ideias.* Deve o paciente dar novo rumo aos pensamentos, arejando as ideias com a boa leitura, ouvindo palestras edificantes e conversando com pessoas que pensem e ajam no bem;

cap. XXIII, item 242, e cap. XXIX, itens 329, 330, 337, 339 e 340.

¹¹¹ "Painéis da Obsessão", pág. 9.

¹¹² "A Gênese", cap. XIV, item 46.

¹¹³ Segundo "O Livro dos Médiuns", cap. XX, item 227, as qualidades que atraem os bons Espíritos são a bondade, a benevolência, a simplicidade de coração, o amor ao próximo e o desprendimento das coisas materiais.

5. *Ação no bem*. Esclarecer que o labor da caridade, em nome de Jesus, é fator primordial na melhoria interior de qualquer pessoa;

6. *Orientação à família*. Mostrar aos familiares do paciente que o problema da obsessão não é assunto que apenas diz respeito a ele, porquanto o grupo familiar possui vínculos profundos que os entrelaçam, sendo preciso, pois, paciência e perseverança de todos;

7. *Culto do Evangelho no lar*. Explicar a excelência da prática do culto evangélico no lar para o favorecimento do entendimento e da fraternidade dentro de casa, entre encarnados e desencarnados;

8. *Fluidoterapia*. Encarecer a necessidade dos passes magnéticos e da água magnetizada para a recuperação e o equilíbrio orgânico do paciente;

9. *Esclarecimento ou doutrinação do agente causador da obsessão*. Uma tarefa que incumbe à Casa Espírita, por meio de reuniões específicas – as chamadas sessões de desobsessão – das quais o paciente não precisa nem deve participar. ⁽¹¹⁴⁾

¹¹⁴ “Diretrizes de Segurança”, questão nº 97. Veja também, sobre o assunto, “Recordações da Mediunidade”, cap. 10, pág. 211.

A doutrinação e seus métodos

SUMÁRIO: Necessidade de doutrinação. Objetivos da doutrinação. Métodos a serem utilizados. Regras a observar na doutrinação. A quem incumbe a tarefa de doutrinação. Que é necessário para se doutrinar um Espírito. Hábitos inconvenientes que devem ser evitados na doutrinação.

Necessidade de doutrinação – Alguns espíritas, diz Herculano Pires ⁽¹¹⁵⁾, pretendem suprimir a doutrinação, alegando que esta é realizada com mais eficiência pelos bons Espíritos no plano espiritual. Essa é uma prova de ignorância generalizada da Doutrina no próprio meio espírita, pois nela tudo se define em termos de relação e evolução. Os Espíritos sofredores permanecem apegados à matéria e à vida terrena, razão pela qual os Protetores Espirituais têm dificuldade de comunicar-se com eles. O seu envolvimento com os fluidos e as emanções ectoplásmicas próprias da sessão mediúnica lhes é, portanto, necessário, o que evidencia que a reunião mediúnica e a doutrinação humana dos desencarnados são uma necessidade. ⁽¹¹⁶⁾

¹¹⁵ "Obsessão, o Passe, a Doutrinação", págs. 65 e 66.

¹¹⁶ O caso Valentine Laurent relatado por Kardec na "Revista Espírita", ano de 1865, págs. 4 a 19, comprova que nos processos de subjugação o magnetismo é por si só impotente para a reversão do mal, se a causa não tiver sido afastada, mostrando dessa forma a importância da doutrinação, assunto que o Codificador trata também em "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. XXVIII, no item 81 e na "Observação" ao final do item 84.

A morte não tem o poder de transformar ninguém. Cada Espírito, ao desencarnar, leva consigo suas virtudes e defeitos, continuando na vida espiritual a ser o que era quando ligado ao corpo, com seus vícios e condicionamentos materiais, dos quais se liberta pouco a pouco. Além disso, confundido pelas lições recebidas das religiões tradicionais, o Espírito não encontra no Além aquilo que esperava: nem céu, nem inferno, muito menos o repouso até o juízo final. Ao contrário, ele aí encontra a dura realidade espiritual, fundamentada na existência da lei de causa e efeito, em que cada qual se mostra como é, sem disfarces, as falsas aparências ou o verniz social.

Sua condição espiritual determina sua aura psíquica e seu peso específico, frutos ambos da elevação maior ou menor de seus pensamentos, sentimentos e atos. Quanto mais elevados estes forem, mais rarefeito será seu perispírito, de modo que cada habitante do mundo espiritual se coloca em seu merecido e devido lugar, sem privilégios de qualquer espécie.

Os que se encontram em posição de perturbação por falta de esclarecimento adequado, ou por renitência no mal, necessitam ser orientados, para que, em se modificando mentalmente, melhorem sua condição espiritual. Como muitas vezes estão ainda cheios de condicionamentos materiais, tais Espíritos repelem a ação mais direta dos orientadores desencarnados, razão pela qual requerem um contato com os encarnados, naturalmente mais afeitos aos fluidos densos da matéria. É o que ocorre nas sessões mediúnicas.

Os orientadores desencarnados lhes falam, mas não conseguem atingi-los. Em contato, porém, com um médium, pelo fato de terem vibrações assemelhadas, há a possibilidade de entendimento. Surge, então, a doutrinação, que objetiva modificar sua forma de pensar e de agir, buscando sua melhora.

Ensinando-lhes o caminho do bem e do perdão, despertando-os para a necessidade de renovação espiritual, ajudamo-los a descobrir o Evangelho de Jesus para a sua libertação integral. ⁽¹¹⁷⁾ É por isso que a doutrinação dos Espíritos desencarnados é de grande importância para apressar o progresso dos companheiros que estagiam no mundo espiritual, trazendo benéficos resultados para o mundo corpóreo. ⁽¹¹⁸⁾

Objetivos da doutrinação – Diz-nos Edgard Armond ⁽¹¹⁹⁾ que as sessões de doutrinação de Espíritos objetivam esclarecer entidades desencarnadas a respeito de sua própria situação espiritual, orientando-as no sentido do seu despertar no plano invisível e seu subsequente equilíbrio e progresso espirituais.

Para facilitar seu despertar ou seu esclarecimento, Espíritos jungidos ao *habitat* terrestre por força da lei de afinidade são trazidos às sessões de doutrinação e aí ligados momentaneamente a médiuns de incorporação, com o que, no contato com os fluidos benéficos da

¹¹⁷ Allan Kardec ensina, em "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. XXVIII, item 81, que é possível, por meio de instruções habilmente dirigidas, despertar o arrependimento e o desejo do bem nos Espíritos endurecidos e perversos.

¹¹⁸ A lição extraída do caso Xumene, relatado por Kardec em "O Céu e o Inferno", 2ª Parte, cap. VII, mostra-nos que devemos ter paciência na tarefa de regeneração dos Espíritos endurecidos, porquanto, como sabemos, o Espiritismo não torna perfeitos nem mesmo os seus mais crentes adeptos. "A crença é o primeiro passo; vem em seguida a fé e a transformação por sua vez", adverte o Guia espiritual mencionado por Kardec na lição referida.

¹¹⁹ "Trabalhos Práticos de Espiritismo", cap. IV, págs. 59 e seguintes.

corrente aí formada, acrescidos dos ensinamentos recebidos do doutrinador encarnado, logram quase sempre despertar e retomar o caminho do aperfeiçoamento espiritual.

Doutrinar Espíritos não é, porém, tarefa fácil, pois exige conhecimentos doutrinários bastante desenvolvidos e senso psicológico para que o doutrinador possa captar com rapidez a verdadeira feição moral do caso que defronta e, em consequência, encaminhar a doutrinação no devido rumo.

É necessário ainda ao doutrinador possuir paciência e bondade, humildade e tolerância, porque somente com auxílio dessas virtudes poderá enfrentar os casos mais difíceis em que se manifestam Espíritos maldosos, zombeteiros ou empedernidos.

Segundo observa André Luiz ⁽¹²⁰⁾, a pessoa envolvida nessa tarefa não pode esquecer que a Espiritualidade Superior confia nela e dela aguarda o cultivo de determinados atributos como os que se seguem:

- a) direção e discernimento;
- b) bondade e energia;
- c) autoridade fundamentada no exemplo;
- d) hábito de estudo e oração;
- e) dignidade e respeito para com todos;
- f) afeição sem privilégios;
- g) brandura e firmeza;
- h) sinceridade e entendimento;
- i) conversação construtiva.

¹²⁰ "Desobsessão", cap. 13.

A doutrinação, informa Herculano Pires ⁽¹²¹⁾, existe em todos os planos, mas o trabalho mais rude e pesado é o que se processa em nosso mundo. Orgulhoso e inútil, e até mesmo prejudicial, será o doutrinador que se julgar capaz de doutrinar por si mesmo. Sua eficiência depende sempre de sua humildade, que lhe permite compreender a necessidade de ser auxiliado pelos bons Espíritos. O doutrinador que não compreende esse princípio precisa de doutrinação e esclarecimento, para alijar do seu espírito a vaidade e a pretensão. Só pode realmente doutrinar Espíritos quem tiver amor e humildade.

Dito isso, Herculano Pires observa, na mesma obra já citada, que é importante não confundir humildade com atitudes piegas, com melosidade. Muitas vezes a doutrinação exige atitudes enérgicas, não ofensivas nem agressivas, mas firmes e imperiosas. É o momento em que o doutrinador trata o obsessivo com autoridade moral, a única autoridade que podemos ter sobre os Espíritos inferiores, que sentem a nossa autoridade e se submetem a ela, em virtude da força moral de que dispusermos. Essa autoridade, no entanto, só conseguimos adquirir por meio de uma vivência digna no mundo, sendo sempre corretos em nossas intenções e em nossos atos, em todos os sentidos, porquanto as nossas falhas morais não combatidas, não controladas, diminuem nossa autoridade sobre os obsessores.

Métodos a serem utilizados – Na tarefa de doutrinação dos Espíritos que se comunicam nas sessões mediúnicas não existe regra fixa, pois cada caso é único. Como a doutrinação não objetiva somente Espíritos sofredores, mas igualmente Espíritos ignorantes que ainda permanecem em esferas de embrutecimento, e Espíritos

¹²¹ "Obsessão, o Passe, a Doutrinação", págs. 66 e 67.

maldosos que se devotam ao mal conscientemente, bem variado deve ser o modo de doutrinar uns e outros.

Há, entretanto, determinadas regras que não podem deixar de ser aplicadas nessa tarefa:

- a) receber com atenção e interesse as comunicações;
- b) ouvi-las com paciência e imbuído da melhor intenção de ajudar;
- c) envolver o comunicante em um clima de vibrações fraternais, dando-lhe oportunidade para que ele fale;
- d) estabelecer em tempo oportuno um diálogo amigável e esclarecedor;
- e) evitar acusações e desafios desnecessários;
- f) confortar e amparar por meio do esclarecimento;
- g) não discutir com exaltação tentando impor seu ponto de vista;
- h) não receber a todos como se fossem embusteiros e agentes do mal;
- i) ser preciso e enérgico na hora necessária, sem ser cruel e agressivo;
- j) evitar o tom de discurso e também as longas preleções;
- l) ser claro, objetivo, honesto, amigável, fraterno, buscando dar ao comunicante aquilo que gostaria de receber se no lugar dele estivesse.

André Luiz ⁽¹²²⁾ atribui o serviço de doutrinação à equipe de médiuns esclarecedores, a quem ele sugere a observância da seguinte postura para o bom cumprimento de sua tarefa:

¹²² "Desobsessão", cap. 24.

a) guardar atenção no campo intuitivo, a fim de registrar com segurança as sugestões e os pensamentos dos benfeitores espirituais que comandam as reuniões;

b) tocar no corpo do médium em transe somente quando necessário;

c) cultivar o tato psicológico, evitando atitudes ou palavras violentas, mas fugindo da doçura sistemática que anestesia a mente sem renová-la, na convicção de que é preciso aliar raciocínio e sentimento, compaixão e lógica, a fim de que a aplicação do socorro verbalista alcance o máximo rendimento;

d) estudar os casos de obsessão surgidos na equipe mediúnica, que devam ser tratados na órbita da psiquiatria, para que a assistência médica seja tomada na medida aconselhável;

e) impedir a presença de crianças nas tarefas da desobsessão.

André Luiz ⁽¹²³⁾ recomenda, ainda, a dirigentes e esclarecedores e a todos os que participam das reuniões mediúnicas, que tenham sempre em mente os 13 seguintes princípios:

1º. Desobsessão não se realiza sem a luz do raciocínio, mas não atinge os fins a que se propõe, sem as fontes profundas do sentimento.

2º. Esclarecimento aos desencarnados sofredores se assemelha à psicoterapia e a reunião é tratamento em grupo, na qual, sempre que possível, deverão ser aplicados os métodos evangélicos.

3º. A parte essencial ao entendimento é atingir o centro de interesse do Espírito preso a ideias fixas, para que se lhes descongestione o campo mental, sendo de todo

¹²³ Ibidem, cap. 32 a 37.

impróprio, por causa disso, qualquer discurso ou divagação desnecessária.

4º. Os manifestantes desencarnados, seja qual for sua conduta na reunião, são, na realidade, Espíritos carecedores de compreensão e tratamento adequados, a exigir paciência, entendimento, socorro e devotamento fraternais.

5º. Cada Espírito sofredor deve ser recebido como se fosse um familiar nosso extremamente querido; agindo assim, acertaremos com a porta íntima através da qual lhe falaremos ao coração.

6º. Pelo que ouça do manifestante, o esclarecedor deduzirá qual o sexo a que o Espírito comunicante tenha pertencido na precedente existência, para que a conversação elucidativa se efetue na linha psicológica ideal.

7º. Os problemas de animismo ou de mistificação inconsciente que porventura surjam no grupo devem ser analisados sem espírito de censura ou de escândalo, cabendo ao dirigente fazer todo o possível para esclarecer com paciência e caridade os médiuns e os desencarnados envolvidos nesses processos.

8º. É preciso anular qualquer intento de discussão ou desafio com os Espíritos comunicantes, dando mesmo razão, algumas vezes, aos manifestantes infelizes e obsessores.

9º. Nem sempre a desobsessão real consiste em desfazer o processo obsessivo de imediato, porquanto em diversos casos a separação de obsidiado e obsessor deve ser praticada lentamente.

10º. Quando necessário, o esclarecedor poderá praticar a hipnose construtiva no ânimo dos Espíritos sofredores, quer usando a sonoterapia para entregá-los à di-

reção e ao tratamento dos instrutores espirituais presentes, com a projeção de quadros mentais proveitosos ao esclarecimento, quer sugerindo a produção e ministração de medicamentos ou recursos de contenção em favor dos manifestantes que se mostrem menos acessíveis à enfermagem do grupo.

11°. Não se deve constranger os médiuns psicofônicos a receberem os desencarnados presentes, atentos ao preceito da espontaneidade, fator essencial ao êxito do intercâmbio.

12°. O esclarecimento não deve alongar-se em demasia, perdurando a palestra educativa em torno de dez minutos, ressalvadas as situações excepcionais.

13°. Se o manifestante perturbado se fixar no braseiro da revolta ou na sombra da queixa, indiferente ou recalcitrante, o esclarecedor deve solicitar a cooperação dos benfeitores espirituais presentes para que o necessitado rebelde seja confiado à assistência espiritual especializada. Nesse caso, a hipnose benéfica poderá ser utilizada para que o magnetismo balsamizante asserene o companheiro perturbado e o afastamento dele seja efetivado.

Reportando-se aos casos em que os Espíritos comunicantes se mostram demasiado renitentes, a ponto de perturbar os trabalhos, sugere Herculano Pires ⁽¹²⁴⁾ que aí o melhor a fazer é chamar o médium a si mesmo, fazendo-o desligar-se do Espírito perturbador. O episódio servirá ainda para reforçar a autoconfiança do médium, demonstrando-lhe que pode interromper por sua vontade as comunicações perturbadoras. O Espírito geralmente voltará em outras sessões, mas então já tocado pelo efeito da doutrinação e desiludido de sua pretensão de dominar o ambiente.

¹²⁴ "Obsessão, o Passe, a Doutrinação", págs. 85 e 86.

Hermínio C. Miranda ⁽¹²⁵⁾ afirma que, no início, os Espíritos em estado de perturbação não estão em condições psicológicas adequadas à pregação doutrinária. Necessitam, então, de primeiros socorros, de quem os ouça com paciência e tolerância. "A doutrinação virá no momento oportuno, e, antes que o doutrinador possa dedicar-se a este aspecto específico, ele deve estar preparado para discutir o problema pessoal do espírito, a fim de obter dele a informação de que necessita", esclarece Hermínio.

Divaldo P. Franco ⁽¹²⁶⁾ concorda: "Não podemos ter a presunção de fazer o que a Divindade tem paciência no realizar. Essa questão de esclarecer o Espírito no primeiro encontro é um ato de invigilância e, às vezes, de leviandade, porque é muito fácil dizer a alguém que está em perturbação: *Você já morreu!* É muito difícil escutar-se esta frase e recebê-la serenamente". E acrescenta: "A nossa tarefa não é a de dizer *verdades*, mas a de *consolar*, porque dizer simplesmente que o comunicante já desencarnou os Guias também poderiam fazê-lo. Deve-se entrar em contato com a Entidade, participar de sua dor, consolá-la, e, na oportunidade que se faça lógica e própria, esclarecer-lhe que já ocorreu o fenômeno da morte...". ⁽¹²⁷⁾

A tarefa assemelha-se, assim, ao chamado atendimento fraterno que as Casas espíritas dispensam aos encarnados que as buscam, no qual é mais importante ouvir do que falar, ideia essa defendida pela conhecida médium e escritora Suely Caldas Schubert. ⁽¹²⁸⁾

¹²⁵ "Diálogo com as Sombras", cap. II, págs. 68 e 69.

¹²⁶ "Diretrizes de Segurança", questão nº 62.

¹²⁷ Ibidem, questão nº 62.

¹²⁸ Esse pensamento de Suely Caldas Schubert foi expresso em Seminário sobre Mediunidade por ela ministrado em 7 de

A propósito do assunto, J. Raul Teixeira ⁽¹²⁹⁾ sugere: "O doutrinador dispensará, sempre, os discursos durante a doutrinação, entendendo-se aqui discurso não como a linha ideológica utilizada, mas sim a falação interminável, que não dá ensejo à outra parte de se exprimir, de se explicar. Muitas vezes, na ânsia de ver as Entidades esclarecidas e renovadas, o doutrinador se perde numa excessiva e cansativa cantilena, de todo improdutiva e exasperante". "O diálogo com os desencarnados deverá ser sóbrio e consistente, ponderado e clarificador, permitindo boa assimilação por parte do Espírito e excelente treino lógico para o doutrinador."

Para Roque Jacintho ⁽¹³⁰⁾ a paciência inscreve-se como uma das virtudes maiores de todos os que se dedicam à tarefa de doutrinação das entidades desencarnadas. "A paciência, diz ele, é filha do amor sábio." Por isso é que, envolvendo os nossos semelhantes com as vibrações de nosso amor, poderemos ouvi-los dissertar longamente sobre seus problemas, sem nos atirmos à empreitada de demoli-los ou censurá-los, pois sabemos que eles se levantarão um dia.

A ironia jamais nos açulará à ação de revide nem a ímpetos de agressão, porque acolheremos a nossa humilhação como degraus da escada evolutiva.

Saber ouvir será tão importante quanto falar.

Saber calar será tão urgente quanto redarguir.

Saber pacificar será tão importante quanto reagir.

outubro de 2000 no Centro Espírita Nosso Lar, em Londrina (PR).

¹²⁹ "Diretrizes de Segurança", questão nº 63.

¹³⁰ "Doutrinação", cap. 7, págs. 43 a 45.

Saber compreender será tão importante quanto ser compreendido. ⁽¹³¹⁾

Concluindo, podemos afirmar que – seja qual for o método adotado – é preciso, para doutrinar, conhecer a Doutrina Espírita e ter uma conduta que seja a mais cristã possível, cientes todos nós de que Jesus opera por meio das pessoas que se dedicam ao bem, como Emmanuel observa na lição que se segue:

"Que os doutrinadores sinceros se rejubilem, não por submeterem criaturas desencarnadas, em desespero, convictos de que em tais circunstâncias o bem é ministrado, não propriamente por eles, em sua feição humana, mas por emissários de Jesus, caridosos e solícitos, que os utilizam à maneira de canais para a misericórdia divina; que esse regozijo nasça da oportunidade de servir ao bem, de consciência sintonizada com o Mestre Divino, entre as certezas doces da fé, solidamente guardada no coração". ⁽¹³²⁾

Hábitos inconvenientes que devemos evitar – Diversos autores têm chamado a atenção para os hábitos, os vícios e as práticas que precisam ser erradicados das sessões mediúnicas.

Edgard Armond ⁽¹³³⁾ considera absolutamente inconvenientes as atitudes seguintes:

- a) exigir o nome do Espírito comunicante;
- b) crer cegamente no que diz o Espírito;
- c) o misticismo exagerado;

¹³¹ Ibidem, cap. 7, págs. 43 a 45.

¹³² "Caminho, Verdade e Vida", cap. CXLV.

¹³³ "Trabalhos Práticos de Espiritismo", cap. V, p. 138 e segs.

d) a verborragia e o falatório inútil, que são próprios de Espíritos mistificadores e irresponsáveis;

e) a agitação por parte dos médiuns que batem mãos e pés, bufam, gemem, gritam, contorcem-se durante a sessão;

f) as preces lidas;

g) estabelecer ordem para os médiuns darem passividade;

h) conferir hegemonia a determinado médium;

i) abertura e fechamento da sessão pelos guias;

j) o uso de roupas e vestimentas especiais.

Emílio Manso Vieira ⁽¹³⁴⁾ chama-nos a atenção para uma outra prática igualmente condenável, que é o afastamento dos Espíritos obsessores por meio da violência. Os dirigentes que assim procedem confundem energia serena, fruto da autoridade moral, com processos violentos de forças vibratórias. André Luiz nos mostra em "Libertação", cap. XIV, qual a maneira correta de agir nesses casos, reabilitando o obsidiado e conquistando o obsessor por meio de elucidações amoráveis e atitudes dignificantes.

Roque Jacintho ⁽¹³⁵⁾ reporta-se a determinadas informações ou perguntas que alguns doutrinadores apresentam equivocadamente aos comunicantes, tais como:

"Você já morreu e não pode sentir dores."

"Ingresse nas escolas daí para aprender."

"Você está sofrendo muito?"

"Por que você não abandona aquela casa?"

¹³⁴ "Dirigentes de Sessões e Práticas Espíritas", cap. XIX.

¹³⁵ "Doutrinação", cap. 2 e 32.

“Você está doente. Procure um hospital.”

“Por que você não perdoa?”

Há doutrinadores, adverte Roque Jacintho ⁽¹³⁶⁾, que entendem que acordar de súbito o Espírito comunicante para a realidade seja um benefício e, por isso, costumam informá-los, abruptamente, que já estão mortos. O resultado dessa atitude é, amiúde, a loucura que se instala nos infelizes que desconheciam a própria morte. Evitemos, portanto, ferir diretamente a questão da morte com os Espíritos que não sabem que já desencarnaram. Ofereçamos-lhes orientação, conduzindo os entendimentos dentro do âmbito de suas necessidades pessoais e, pouco a pouco, eles mesmos compreenderão o fenômeno pelo qual passaram.

Herculano Pires ⁽¹³⁷⁾, em apoio a essa ideia, observa que, se o doutrinador disser cruamente a esses Espíritos que eles já morreram, mais assustados e confusos ficarão. Devemos, pois, tratar o Espírito comunicante como se ele estivesse doente e não desencarnado. Mudando a sua situação mental e emocional, em poucos instantes ele mesmo perceberá que já passou pelo transe da morte e que se encontra amparado por familiares e amigos que procuram ajudá-lo.

¹³⁶ Idem, cap. 27.

¹³⁷ “Obsessão, o Passe, a Doutrinação”, pág. 77.

Abordagem a adotar na doutrinação

SUMÁRIO: Importância do conhecimento da escala espírita e o conselho de Sócrates. Tipos de Espíritos comunicantes. Abordagem a ser adotada em cada caso. Os benefícios da doutrinação. Importância do ambiente formado pelo grupo para o esclarecimento adequado dos Espíritos.

Tipos de Espíritos comunicantes – O doutrinador deve ler e reler, com atenção e persistência, a escala espírita constante de “O Livro dos Espíritos” a partir da questão nº 100, para bem se informar dos tipos de Espíritos com que se vai defrontar nas sessões. Essa recomendação feita por Herculano Pires ⁽¹³⁸⁾ tem por fundamento o ensinamento transmitido pelo Espírito de Sócrates, constante do cap. XVI de “O Livro dos Médiuns”.

Segundo Sócrates, a escala espírita e o quadro sinótico das diferentes espécies de médiuns – a que se refere o capítulo XVI de “O Livro dos Médiuns” – devem estar constantemente sob os olhos de todos os que se ocupam das manifestações, porque um e outra resumem todos os princípios da Doutrina Espírita e contribuirão, mais do que supomos, para trazer o Espiritismo ao seu verdadeiro caminho. ⁽¹³⁹⁾

Suely Caldas Schubert ⁽¹⁴⁰⁾ organizou, com base na sua longa experiência na prática da mediunidade, uma

¹³⁸ “Obsessão, o Passe, a Doutrinação”, pág. 72.

¹³⁹ “O Livro dos Médiuns”, cap. XVI, item 197.

¹⁴⁰ “Obsessão/Desobsessão”, Terceira Parte, cap. 12.

lista de 17 diferentes tipos de Espíritos, tal como se apresentam nas reuniões mediúnicas, à qual acrescentou uma série de sugestões concernentes ao tratamento adequado a cada caso.

Eis a lista e as recomendações propostas pela con-freira mineira, salientando-se que nas cinco primeiras situações os comunicantes devem receber também o socorro do passe:

1. *Espíritos que não conseguem falar.* Quatro podem ser as causas da mudez: problemas mentais que interferem no centro da fala, ódio, reflexo de doenças havidas antes da desencarnação e desejo de não deixar transparecer o que pensam. O passe e a prece ajudam muito os que, tendo tido problema de mudez quando encarnados, pensam que continuam mudos. Não se recomenda, em nenhuma das circunstâncias citadas, forçá-los a falar;

2. *Suicidas.* Como eles sofrem muito, cabe ao doutrinador socorrê-los, aliviando-lhes os sofrimentos por meio do passe. Precisam mais de consolo que de doutrinação;

3. *Alcoólatras e toxicômanos.* Nenhum resultado produz falar-lhes sobre a inconveniência dos vícios. Devemos falar-lhes sobre Jesus e o Evangelho, e, em caso de delírios, o passe é o meio de aliviá-los;

4. *Espíritos dementados.* Como não têm consciência de coisa alguma, devem ser socorridos com passes;

5. *Sofredores.* Deve-se aliviá-los com a prece e o passe. A maioria adormece e é levada pelos trabalhadores espirituais;

6. *Espíritos que desconhecem a própria situação.* É muito comum o Espírito ignorar que já desencarnou, mas há indivíduos que não têm condições de serem informados sobre a própria morte. A explicação deve ser feita

com tato, dosando-se a verdade conforme o caso. Devemos antes infundir-lhes a confiança em Deus, a ideia de que a vida se processa em vários estágios, que ninguém morre – a prova mais evidente é ele estar ali falando – e que a vida verdadeira é a vida espiritual;

7. *Espíritos que desejam tomar o tempo da reunião.* Valem-se de vários artifícios para alongar a conversa e têm resposta para tudo. Não se deve debater com eles, mas sim levá-los a pensar em si mesmos. De um modo geral, costumam voltar outras vezes;

8. *Irônicos.* A ironia de que se utilizam torna difícil o diálogo. Procuram ferir o doutrinador e os membros do grupo com comentários e críticas mordazes. Não se deve ficar melindrado com isso, porque é exatamente o que desejam. Aceitando com humildade suas reprimendas, sem procurar defender-se, o esclarecedor fará com que fiquem desarmados. Conscientizá-los do verdadeiro estado em que se encontram, da solidão e da tristeza em que vivem, afastados dos seus afetos mais caros, eis o caminho a seguir no diálogo;

9. *Desafiantes.* O doutrinador deve encaminhar o diálogo atento a alguma observação que o comunicante faça e que possa servir de base a atingir-lhe o ponto sensível;

10. *Descrentes.* Dizem-se frios, céticos, ateus. O doutrinador tem, porém, um argumento favorável ao mostrar-lhes que, apesar do que pensam, continuam vivos e se comunicam por intermédio de um médium. Pode-se dizer-lhes ainda que essa indiferença resulta dos sofrimentos por que passam, mas que isso não os levará a nada de bom, e sim a maiores dissabores e a uma solidão insuportável. Não se deve tentar provar que Deus existe, mas, em primeiro lugar, tentar despertá-los para

a realidade da vida. Depois, o doutrinador dirá, com bastante tato, que somente o Pai pode oferecer-lhes o remédio e a cura para seus males;

11. *Amedrontados*. É necessário infundir-lhes confiança, mostrando que naquele recinto eles estão a salvo de qualquer ataque, desde que também se coloquem sob a proteção de Jesus;

12. *Vingativos*. A vingança e o ódio perturbam os Espíritos vingativos, por isso é preciso levá-los a refletir sobre si mesmos, para que verifiquem o estado em que se encontram e o mal que o ódio e a vingança produzem nos indivíduos que odeiam e desejam vingança. O doutrinador, tendo sempre em mente a orientação dada por Allan Kardec no cap. 28, item 81, de "O Evangelho segundo o Espiritismo", deve enfatizar que a força que eles tentam demonstrar se dilui ante o poder do amor que dimana de Jesus;

13. *Espíritos que auxiliam os obsessores*. Deve-se dizer-lhes que ninguém é chefe de ninguém e que o nosso único chefe é Jesus. O esclarecedor mostrará também o mal que estão praticando e do qual advirão sérias consequências para eles mesmos;

14. *Obsessores inimigos do Espiritismo*. Deve-se evitar comentários sobre religião, porquanto geralmente nossos adversários são ligados a outros credos religiosos. O diálogo deve ser em torno dos ensinamentos de Jesus, comparando-se o que o Mestre ensinou e as atitudes dos que se dizem seus legítimos seguidores;

15. *Galhofeiros e zombeteiros*. É preciso ter muita paciência com tais entidades, mantendo-se elevado o teor dos pensamentos. O diálogo buscará torná-los conscientes da inutilidade de sua atitude, mostrando-lhes que o riso encobre, comumente, o medo, a solidão e o desassossego;

16. *Espíritos ligados a terreiro e magia*. Muitas vezes estão vinculados a algum nome ou caso que esteja sendo tratado pelo grupo. O esclarecedor irá observar a característica apresentada, fazendo a abordagem correspondente;

17. *Mistificadores*. Há mistificadores que se comunicam aparentando ser um sofredor, um necessitado, com a finalidade de desviar o ritmo das tarefas e de ocupar o tempo. O médium experiente e o grupo bem afinizado os identificarão, mas é preciso para isso vigilância e discernimento. As vibrações do Espírito permitem ao médium captar sua real intenção. No momento da avaliação, após a reunião, o médium deve declarar o que sentiu e qual era o verdadeiro objetivo do comunicante.

Às sugestões de Suely Caldas Schubert acrescentamos algumas recomendações feitas por Edgard Armond⁽¹⁴¹⁾ em sua obra:

I. *Espíritos portadores de moléstias*. Deve-se dizer-lhes que tais enfermidades são simples reflexos perispirituais de perturbações do corpo físico e que, para eliminá-las, basta que o sofredor as varra de sua mente pela vontade, use da prece para readquirir suas forças e se disponha a qualquer trabalho construtivo a bem do próximo;

II. *Espíritos inconscientes*, em período de readaptação ao novo meio. O recurso em tais casos são as preces e as vibrações fluídicas realizadas no ato pelos auxiliares do trabalho, verificando-se que muitas vezes o contato do sofredor com a corrente basta para o seu despertar;

¹⁴¹ "Trabalhos Práticos de Espiritismo", cap. IV, págs. 65 e 66.

III. *Suicidas*. A doutrinação deve visar, quando for possível, ao esclarecimento sobre o equívoco que é o suicídio, enfatizando-se que o corpo é o santuário do Espírito encarnado e elemento de imenso valor para a realização das provas necessárias à redenção espiritual neste plano, principalmente o resgate de dívidas pretéritas;

IV. *Portadores de perturbações psíquicas como tristeza, desânimo, manias, fobias etc.* Devem ser instruídos sobre o valor das atividades construtivas e da necessidade do seu despertamento para as lutas do porvir.

Resultados da doutrinação – Os benefícios da desobsessão são incalculáveis. André Luiz ⁽¹⁴²⁾ assevera: "Erraríamos frontalmente se julgássemos que a desobsessão apenas auxilia os desencarnados que ainda per vagam nas sombras da mente. Semelhantes atividades beneficiam a eles, a nós, bem assim os que nos partilham a experiência cotidiana, seja em casa ou fora do reduto doméstico e, ainda, os próprios lugares espaciais em que se desenvolve a nossa influência".

O referido autor espiritual mostra-nos, então, que a desobsessão areja os caminhos mentais e nos imuniza contra os perigos da alienação, estabelecendo vantagens ocultas em nós, para nós e em torno de nós. Refere ele na mesma obra: "Através dela, desaparecem doenças-fantasmas, empecos obscuros, insucessos, além de obtermos com o seu apoio espiritual mais amplos horizontes ao entendimento da vida e recursos morais inapreciáveis para agir, diante do próximo, com desapego e compreensão". ⁽¹⁴³⁾

¹⁴² "Desobsessão", cap. 64.

¹⁴³ "Desobsessão", cap. 64.

Os resultados da doutrinação dependem do ambiente formado pelos pensamentos do dirigente e dos participantes, da condição moral que o dirigente apresente para orientar os Espíritos e da própria condição espiritual da entidade, que pode aceitar ou não os conselhos e esclarecimentos que recebe. O resultado dependerá também dos métodos utilizados, que devem ser aplicados de acordo com a circunstância e a necessidade do momento.

Ensina Herculano Pires ⁽¹⁴⁴⁾: "A doutrinação espírita equilibrada, amorosa, modifica a nós mesmos e aos outros, abre as mentes para a percepção da realidade-real que nos escapa, quando nos apegamos à ilusão das nossas pretensões individuais, geralmente mesquinhas".

Visto que o objetivo da doutrinação dos Espíritos é o esclarecimento da entidade comunicante quanto ao seu estado transitório de perturbação, as causas de seus sofrimentos e a forma pela qual poderá encontrar a solução para seus problemas, o esclarecedor e todos os membros do grupo mediúnicos são chamados a vibrar amorosamente em favor do Espírito comunicante, demonstrando solidariedade com o seu sofrimento e emitindo pensamentos de auxílio e apoio moral.

Depois de esclarecido e de haver aceito o novo caminho que se lhe abre, ele apresentará, sem dúvida, mudanças no seu modo de agir.

Se empedernido, mostrar-se-á tocado e sensível aos ensinamentos cristãos, buscando nova forma de encarar a vida; se revoltado, mostrar-se-á submisso à Lei suprema, que não é injusta com ninguém; se odioso, observará as consequências em si mesmo de sua sementeira infeliz e procurará dominar seus maus sentimentos;

¹⁴⁴ "Obsessão, o Passe, a Doutrinação", pág. 71.

se desesperado, notará agora novas possibilidades de alcançar a paz mediante o trabalho e a fé ativa.

A doutrinação abre, assim, para os desencarnados um novo panorama de vida, no qual novas atividades se des-cortinam, com possibilidades de trabalho, felicidade e progresso.

A mediunidade e sua aplicação

SUMÁRIO: Aplicação da mediunidade. O que ocorre às pessoas despreparadas para a prática mediúnica. A mediunidade pode ser instrumento do bem quanto do mal. A faculdade pode surgir em qualquer lugar. Importância do preparo doutrinário. De que a mediunidade necessita para produzir bons frutos.

Aplicação da mediunidade – A mediunidade não representa em si mesma nenhum mérito para quem a possui, porque o seu aparecimento independe da formação moral do indivíduo. Pessoas sem formação moral podem apresentar a faculdade mediúnica e sempre encontrarão entidades espirituais que lhes secundem a vontade e o pensamento, associando-se a elas na rede de desequilíbrio.

Adverte Kardec: “Ninguém poderá tornar-se bom médium se não conseguir despojar-se dos vícios que degradam a humanidade”. ⁽¹⁴⁵⁾

Mais adiante, o Codificador do Espiritismo é enfático: “Todo homem pode tornar-se médium; mas a questão não é ser médium; é ser bom médium, o que depende das qualidades morais”. ⁽¹⁴⁶⁾

Possuir a faculdade mediúnica não constitui, portanto, motivo nem de orgulho, nem de vaidade, e, sendo assim, não podemos *endeusar* um indivíduo só porque é médium. O que estamos realizando com nossa faculdade

¹⁴⁵ “Revista Espírita”, ano de 1863, pág. 213.

¹⁴⁶ *Ibidem*, pág. 213.

mediúnica pode ser motivo de respeito ou de reprovação; pode estar conforme os desígnios superiores da Lei divina ou não; pode estar de acordo com os preceitos espíritas ou não. ⁽¹⁴⁷⁾

Muitas pessoas, devido ao seu despreparo para uma prática mediúnica equilibrada, pelo desinteresse pelo estudo e, sobretudo, por suas fraquezas morais, deixam-se envolver pela obsessão e veem-se em dificuldades imensas quando pretendem recompor-se e seguir no caminho de sua reabilitação moral. Outros, maravilhados com o fenômeno mediúnico, esquecem-se de que ele é meio, é via para se atingir o fim, que é o esclarecimento da criatura humana, com sua conseqüente transformação moral. Deixam-se, então, levar para o profetismo, para o experimentalismo, para o *guiismo*, numa dependência total, a ponto de não mais decidirem o que lhes compete sem antes fazerem consulta aos Espíritos.

Há ainda os que, além de serem envolvidos pelos elogios fáceis e pela bajulação, começam a fraquejar e receber pequenos obséquios, pequenos favores materiais, discretas lembrancinhas, e por fim caem num mercenarismo barato que os inutiliza. Muitas vezes, pessoas ligadas ao médium se beneficiam com o movimento financeiro que se faz em torno dele, o que deve ser evitado com todo o rigor.

As entidades espirituais de maior elevação procuram esclarecer, orientar e despertar o médium para os perigos da utilização de sua faculdade sem os critérios cristãos, mas se este se nega a acolher os alvitres recebidos, se continua displicente com o lado moral da aplicação de sua faculdade, elas simplesmente se afastam, deixando

¹⁴⁷ Veja ainda, acerca do assunto, a "Revista Espírita", ano de 1864, pág. 254, e ano de 1866, pág. 319.

o caminho livre aos Espíritos que sintonizam com tal modo de pensar e proceder.

As pessoas que possuem a faculdade mediúnica em níveis mais intensos estão mais sujeitas às influências, devido à facilidade de sintonia com os Espíritos. Maior cuidado devem, pois, ter com as companhias espirituais que elegem para a sua vida diária. Sendo uma faculdade maleável, a mediunidade tanto serve como instrumento do bem quanto do mal, de elevação quanto de queda, de construção quanto de derrocada, dependendo unicamente do modo como se comporta aquele que a possui.

Importância do preparo doutrinário – A mediunidade, sendo inerente ao ser humano, pode aparecer em qualquer pessoa, independentemente de suas convicções religiosas. Muitos vultos foram canonizados pela Igreja por apresentarem faculdades inusitadas, que nada mais eram do que a aptidão mediúnica. São incontáveis também os casos de pessoas, ligadas ou não a religiões, que se encontram envolvidas em processos obsessivos difíceis e são, contudo, tratadas como doentes mentais, internadas em casas de saúde ou à espera de um remédio que as cure.

A mediunidade então será um bem ou um mal? Vimos que, independentemente do estado de elevação moral da criatura, ela estará sujeita à vontade e à diretriz que seu portador lhe der, podendo transformar-se em caminho de redenção ou de sofrimento inominável.

O preparo doutrinário para o médium significa iluminação do caminho, dando-lhe roteiro mais seguro e de mais fácil acesso, afastando-o das enganosas ilusões e das armadilhas preparadas pelos inimigos do bem e da

luz. O médium forjado no preparo doutrinário que o Espiritismo oferece não se torna apenas melhor médium, mas sobretudo melhor cristão, e isso é o mais importante.

Ensina Léon Denis: "À humanidade seria facultado um poderoso elemento de renovação, se todos compreendessem que há, acima de nós, um inesgotável manancial de energia, de vida espiritual, que se pode atingir por gradativo adestramento, por constante orientação do pensamento e da vontade no sentido de assimilar as suas ondas e radiações, e com o seu auxílio desenvolver as faculdades que em nós jazem latentes". ⁽¹⁴⁸⁾

Continua o citado escritor: "A aquisição dessas forças nos abroquela contra o mal, nos coloca acima dos conflitos materiais e nos torna mais firmes no cumprimento do dever. Nenhum dentre os bens terrenos é comparável à posse desses dons. Sublimados a seu mais alto grau, fazem os grandes missionários, os renovadores, os grandes inspirados. Como podemos adquirir esses poderes, essas faculdades superiores? Descerrando nossa alma, pela vontade e pela prece, às influências do Alto." ⁽¹⁴⁹⁾

Mais adiante ele adverte: "Em Espiritismo, a questão de educação e adestramento dos médiuns é capital; os bons médiuns são raros – diz-se muitas vezes – e a ciência do invisível, privada de meios de ação, só com muita lentidão vem a progredir". "A mediunidade é uma delicada flor que, para desabrochar, necessita de acuradas precauções e assíduos cuidados. Exige o método, a paciência, as altas aspirações, os sentimentos nobres e, sobretudo, a terna solicitude do bom Espírito que a envolve em seu amor, em seus fluidos vivificantes. Quase

¹⁴⁸ "No Invisível", Primeira Parte, cap. V, pág. 66.

¹⁴⁹ Ibidem, cap. V, pág. 66.

sempre, porém, querem fazê-la produzir frutos prematuros, e desde logo se estiola e fana ao contacto dos Espíritos atrasados." ⁽¹⁵⁰⁾

E Léon Denis, por fim, conclui: "É preciso que, ao menos, o médium, compenetrado da utilidade e grandeza de sua função, se aplique a aumentar seus conhecimentos e procure espiritualizar-se o mais possível, que se reserve horas de recolhimento e tente, então, pela visão interior, alçar-se até às coisas divinas, à eterna e perfeita beleza. Quanto mais desenvolvidos forem nele o saber, a inteligência, a moralidade, mais apto se tornará para servir de intermediário às grandes almas do Espaço". ⁽¹⁵¹⁾

¹⁵⁰ Ibid., cap. V, pág. 67.

¹⁵¹ Ibid., cap. V, pág. 68.

Cuidados antes e depois das reuniões

SUMÁRIO: Cuidados antes das reuniões mediúnicas. Dificuldades que não devem impedir o comparecimento dos médiuns. Impedimentos naturais justificáveis. Importância da pontualidade e da assiduidade. Cuidados depois das reuniões mediúnicas. Estudo construtivo das comunicações. Mediunidade com Jesus.

Cuidados antes das reuniões mediúnicas – Aparecem no cotidiano dificuldades e percalços que não podem constituir impedimento a que o integrante da equipe compareça à reunião mediúnica. André Luiz os enumera: a chuva, a visita inesperada de alguém que chega ao nosso lar sem aviso, ligeiros contratempos momentos antes do intercâmbio mediúnico, dificuldades de trânsito, festas de natureza familiar, comemorações de aniversário e eventos semelhantes, que podem ser postergados sem prejuízo para as pessoas. ⁽¹⁵²⁾ Cabe, pois, ao componente da equipe superá-los.

André Luiz admite, porém, como faltas justificadas à reunião mediúnica os chamados impedimentos naturais: a viagem inesperada que não possa ser adiada, uma moléstia grave em casa, as enfermidades epidêmicas, qual a gripe, e os cuidados decorrentes da gravidez, bem como os relativos aos períodos menstruais. ⁽¹⁵³⁾ Surgindo o impedimento, é importante que a pessoa se comunique

¹⁵² "Desobsessão", cap. 5, 6 e 7.

¹⁵³ Ibidem, cap. 8.

com o dirigente da reunião, para assegurar-se a harmonia do conjunto. ⁽¹⁵⁴⁾

Na chegada dos companheiros ao recinto da reunião, a posição deve ser respeitosa, sem vozerio, tumulto, gritos ou gargalhadas. Devemos lembrar que nos aproximamos de enfermos reunidos, como acontece no ambiente de um hospital. A conversação antes da reunião, se ocorrer, deve buscar a edificação comum, a pacificação do recinto, evitando-se temas contrários à dignidade da tarefa prestes a iniciar, anedotas jocosas, críticas, queixas, considerações injuriosas a quem quer que seja, azedumes, apontamentos irônicos e os comentários escandalosos. Adverte André Luiz: "Toda referência verbal é fator de indução". ⁽¹⁵⁵⁾

A pontualidade, assim como a assiduidade, é sempre um dever, mas na desobsessão, diz-nos André Luiz, "assume caráter solene". Devemos procurar remover, durante a semana, os empecilhos suscetíveis de ocorrer no dia e na hora prefixados para a reunião mediúnica. O mesmo autor lembra que o fracasso, na maioria das vezes, "é o produto infeliz dos retardatários e dos ausentes". ⁽¹⁵⁶⁾ Assim, a hora de início das tarefas deve ser observada com austeridade, entendido que o momento de encerramento é variável conforme as circunstâncias da reunião. A porta de entrada deve ser fechada quinze minutos antes do horário da prece inicial, tempo esse que será empregado na leitura preparatória.

¹⁵⁴ Em seu livro "Estudando a Mediunidade", cap. IX, pág. 53, Martins Peralva entende que as senhoras médiuns devem abster-se de participar das reuniões de desobsessão a partir do 3º mês de gestação, opinião defendida igualmente por Francisco Cândido Xavier.

¹⁵⁵ "Desobsessão", cap. 12.

¹⁵⁶ *Ibidem*, cap. 14.

Uma reunião de desobsessão assemelha-se muito a uma enfermagem, com recursos trazidos da Espiritualidade para tratamento das entidades conturbadas e infelizes que ali comparecem.

Nesse sentido, não se compreende que a sessão seja aberta a curiosos, uma advertência que Cairbar Schutel⁽¹⁵⁷⁾, Carlos Imbassahy⁽¹⁵⁸⁾ e Spártaco Banal⁽¹⁵⁹⁾ fizeram em obras publicadas antes do surgimento de André Luiz no cenário editorial brasileiro. Allan Kardec, aliás, já havia tratado da questão quando respondeu aos que lhe propunham abrir ao público as sessões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.⁽¹⁶⁰⁾ Não seria, pois, diferente a posição de Divaldo P. Franco acerca do tema. "Nunca é demais recomendar – afirma o ilustre médium e tribuno baiano – que as sessões mediúnicas sejam de caráter privado."⁽¹⁶¹⁾

Reiterando as advertências de Kardec, Cairbar, Imbassahy, Divaldo, Spártaco Banal e tantos outros, André Luiz adverte: "Coloquemo-nos no lugar dos desencarnados em desequilíbrio e entenderemos, de pronto, a inoportunidade da presença de qualquer pessoa estranha a obra assistencial dessa natureza".⁽¹⁶²⁾

Os integrantes dos grupos mediúnicos, como, aliás, todos os que se dizem espíritas, devem cumprir suas obrigações de família e profissão, abstendo-se de qualquer atitude que possa induzi-los a cair em profissionalismo religioso. Allan Kardec entende que o médium deve

¹⁵⁷ "Médiuns e Mediunidade", págs. 53 e 72.

¹⁵⁸ "À Margem do Espiritismo", págs. 239 e 240.

¹⁵⁹ "As Sessões Práticas do Espiritismo", cap. VIII, pág. 37.

¹⁶⁰ "Revista Espírita", ano de 1861, pág. 140.

¹⁶¹ "Diretrizes de Segurança", questão nº 42.

¹⁶² "Desobsessão", cap. 18.

dar à causa espírita o tempo do seu lazer, mas não transformar sua faculdade em profissão para daí tirar os recursos necessários à sua subsistência.

Cuidados depois das reuniões mediúnicas – A conversação depois da reunião deve cultivar bondade e otimismo, não devendo descambar para qualquer expressão negativa, como reprovações, críticas, motejos, sarcasmos dirigidos a médiuns ou desencarnados. Os comentários desairosos, que destacam as deficiências e as falhas, constituem prejuízo na obra do progresso e na consolidação do bem.

O estudo construtivo das comunicações recebidas na reunião é sugerido por André Luiz e diversos autores. Observa André Luiz: "É interessante que dirigente, assessores, médiuns psicofônicos e integrantes da equipe, finda a reunião, analisem, sempre que possível, as comunicações havidas, indicando-se para exame proveitoso os pontos vulneráveis dessa ou daquela transmissão". (163)

Nesse exame, as observações devem ser fraternas e desapassionadas e visarão alertar os médiuns quanto a senões que precisem evitar e os doutrinadores quanto às atitudes ou palavras inconvenientes que não devem repetir. Essa avaliação fará com que o grupo cresça em responsabilidade, conscientes todos de que não pode haver lugar para melindres e suscetibilidades numa equipe séria e sincera. (164)

¹⁶³ "Desobsessão", cap. 60.

¹⁶⁴ Em seu livro "Obsessão/Desobsessão", cap. 11, pág. 170, afirma Suely Caldas Schubert: "O grupo cresce em produtividade com esta prática."

A saída dos companheiros observará a mesma descrição verificada na sua chegada ao recinto, evitando-se gritos, gargalhadas, referências maliciosas e anedotas picantes. Lembremos que muitas vezes estamos sendo seguidos e observados por enfermos desencarnados que, pouco antes, nos ouviram com interesse as exortações e conselhos.

De volta ao lar, todos da equipe devem manter silêncio sobre os fenômenos ocorridos e as informações obtidas na reunião mediúnica.

Mediunidade com Jesus – O que deve prevalecer, para quem realmente deseja transformar-se em instrumento valioso dos bons Espíritos, é o preparo espiritual adequado, feito de acordo com as normas do Evangelho de Jesus. Sem a força das virtudes conquistadas palmo a palmo, lágrima a lágrima, seremos instrumentos inermes e sujeitos a servir de mediadores da treva e do mal. Se formos flores fecundadas pelo amor aos ensinamentos de Jesus, resistiremos aos ventos da adversidade e às tempestades.

Afirma Emmanuel que "é no mundo mental que se processa a gênese de todos os trabalhos da comunhão de espírito a espírito". "Daí procede a necessidade de renovação idealística, de estudo, de bondade operante e de fé ativa, se pretendemos conservar o contacto com os Espíritos da Grande Luz." ⁽¹⁶⁵⁾

Prossegue o conhecido instrutor espiritual: "Precisamos compreender – repetimos – que os nossos pensamentos são forças, imagens, coisas e criações visíveis e tangíveis no campo espiritual. Atraímos companheiros e recursos, de conformidade com a natureza de nossas

¹⁶⁵ "Roteiro", cap. 28, pág. 119.

ideias, aspirações, invocações e apelos. Energia viva, o pensamento desloca, em torno de nós, forças sutis, construindo paisagens ou formas e criando centros magnéticos ou ondas, com os quais emitimos a nossa atuação ou recebemos a atuação dos outros. Nosso êxito ou fracasso dependem da persistência ou da fé com que nos consagramos mentalmente aos objetivos que nos propomos alcançar". (166)

E Emmanuel conclui: "Semelhante lei de reciprocidade impera em todos os acontecimentos da vida. Comunicar-nos-emos com as entidades e núcleos de pensamentos com os quais nos colocamos em sintonia". "Ninguém está só. Cada criatura recebe de acordo com aquilo que dá. Cada alma vive no clima espiritual que elegeu, procurando o tipo de experiência em que situa a própria felicidade. Estejamos, assim, convictos de que os nossos companheiros na Terra ou no Além são aqueles que escolhemos com as nossas solicitações interiores, mesmo porque, segundo o antigo ensinamento evangélico, *teremos nosso tesouro onde colocarmos o coração.*" (167)

Diante de tão judiciosas palavras, ninguém espere alcançar a condição de médium do bem e da luz sem se incorporar definitivamente no clima do Evangelho do Mestre e Senhor Jesus.

¹⁶⁶ Ibidem, cap. 28, pág. 120.

¹⁶⁷ "Roteiro", cap. 28, págs. 120 e 121.

Bibliografia

1. "**A Constituição Divina**", de Richard Simonetti; publicado por Gráfica São João Ltda., 3ª edição.
2. "**A Gênese**", de Allan Kardec; FEB, 14ª edição.
3. "**À Margem do Espiritismo**", de Carlos Imbassahy; FEB, 2ª edição.
4. "**As Sessões Práticas do Espiritismo**", de Spártaco Banal; FEB, 4ª edição.
5. "**A Vida no Outro Mundo**", de Cairbar Schutel; Casa Editora O Clarim, 5ª edição.
6. "**Caminho, Verdade e Vida**", de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier; FEB, 4ª edição.
7. "**COEM**", apostila publicada pelo Centro Espírita Luz Eterna em 1978.
8. "**Conduta Espírita**", de André Luiz, psicografado por Waldo Vieira; FEB, 6ª edição.
9. "**Desenvolvimento Mediúnico**", de Roque Jacintho; EDICEL, 1ª edição.
10. "**Desobsessão**", de André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier; FEB, 2ª edição.
11. "**Diálogo com as Sombras**", de Hermínio C. Miranda; FEB, 3ª edição.
12. "**Diálogo com Dirigentes e Trabalhadores Espíritas**", de Divaldo P. Franco; publicado pela USE, 1ª edição.
13. "**Diretrizes de Segurança**", de Divaldo P. Franco e J. Raul Teixeira; Ed. Fráter, 3ª edição.
14. "**Dirigentes de Sessões e Práticas Espíritas**", de Emílio Manso Vieira; LAKE, 1ª edição.
15. "**Doutrinação**", de Roque Jacintho; EDICEL, 1ª edição.

16. "**Encontro Marcado**", de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier; FEB, 3ª edição.
17. "**Estudando a Mediunidade**", de Martins Peralva; FEB, 5ª. edição.
18. "**Evolução em Dois Mundos**", de André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira; FEB, 14ª edição.
19. "**Grilhões Partidos**", de Manoel Philomeno de Miranda, psicografado por Divaldo P. Franco; LEAL, 8ª edição.
20. "**Loucura e Obsessão**", de Manoel Philomeno de Miranda, psicografado por Divaldo P. Franco; FEB, 3ª edição.
21. "**Médium: Quem é, quem não é**", de Demétrio Pável Bastos; publicado pelo Instituto Maria, 1ª edição.
22. "**Médiuns e Mediunidade**", de Cairbar Schutel; Casa Editora O Clarim, 7ª edição.
23. "**Missionários da Luz**", de André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier; FEB, 7ª edição.
24. "**Moldando o Terceiro Milênio**", de Fernando Worm; publicado pelo Centro Espírita Caminho da Redenção, 2ª edição.
25. "**No Invisível**", de Léon Denis; FEB, 8ª edição.
26. "**Nos Domínios da Mediunidade**", de André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier; FEB, 8ª edição.
27. "**Obras Póstumas**", de Allan Kardec; FEB, 11ª edição.
28. "**Obsessão/Desobsessão**", de Suely Caldas Schubert; FEB, 1ª edição.
29. "**Obsessão, o Passe, a Doutrinação**", de J. Herculano Pires; Ed. Paideia, 5ª edição.
30. "**O Céu e o Inferno**", de Allan Kardec; LAKE, 1ª edição.

31. "**O Consolador**", de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier; FEB, 11ª edição.
32. "**O Evangelho segundo o Espiritismo**", de Allan Kardec; EDICEL, 3ª edição.
33. "**O Livro dos Espíritos**", de Allan Kardec; FEB, 64ª edição.
34. "**O Livro dos Médiuns**", de Allan Kardec; LAKE, 2ª edição.
35. "**Painéis da Obsessão**", de Manoel Philomeno de Miranda, psicografado por Divaldo P. Franco; LEAL, 4ª edição.
36. "**Pão Nosso**", de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier; FEB, 6ª edição.
37. "**Paulo e Estêvão**", de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier; FEB, 10ª edição.
38. "**Pensamento e Vida**", de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier; FEB, 3ª edição.
39. "**Primícias do Reino**", de Amélia Rodrigues, psicografado por Divaldo P. Franco; LEAL, 5ª edição.
40. "**Recordações da Mediunidade**", de Yvonne A. Pereira; FEB, 8ª edição.
41. "**Revista Espírita**", ano de 1859, de Allan Kardec; EDICEL, 1ª edição.
42. "**Revista Espírita**", ano de 1860, de Allan Kardec; EDICEL, 1ª edição.
43. "**Revista Espírita**", ano de 1861, de Allan Kardec; EDICEL, 1ª edição.
44. "**Revista Espírita**", ano de 1863, de Allan Kardec; EDICEL, 1ª edição.
45. "**Revista Espírita**", ano de 1864, de Allan Kardec; EDICEL, 1ª edição.
46. "**Revista Espírita**", ano de 1865, de Allan Kardec; EDICEL, 1ª edição.

47. "**Revista Espírita**", ano de 1866, de Allan Kardec; EDICEL, 1ª edição.
48. "**Roteiro**", de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier; FEB, 4ª edição.
49. "**Testemunhos de Chico Xavier**", de Suely Caldas Schubert; FEB, 1ª edição.
50. "**Trabalhos Práticos de Espiritismo**", de Edgard Armond; LAKE, 4ª edição.
51. "**Viagem Espírita em 1862**", de Allan Kardec; Casa Editora O Clarim, 2ª edição.

- fim -